

cinemateca

abril 2026



CLAUDIA CARDINALE !

A CASA

**HISTÓRIAS DO CINEMA:
CHRISTA BLÜMLINGER/HARUN FAROCKI**

**A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS
NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

**A ENXADA É DE TODA A GENTE
– A PROPÓSITO DE 'TORRE BELA'**

SÁBADOS EM FAMÍLIA | CINEMATECA JÚNIOR

Abril é o mês da Liberdade e do “dia inicial inteiro e limpo” e, contra ventos adversos, queremos que se renove e se aprofunde SEMPRE. A enxada desta cooperativa é o cinema e é com ela que fazemos a nossa pequena lavoura de cravos.

As sementes da época são variadas: JOJO RABBIT de Taika Waititi, para pensar através da sátira e do riso nas ideologias e governantes que matam, e uma fornada de cinco curtas-metragens de animação para os mais tenrinhos (M/3) – CURTAS WARM-UP INDIEJÚNIOR – com filmes escolhidos a dedo pela JÚNIOR e INDIEJÚNIOR. Seguindo o exemplo de Ana Hatherly no seu filme REVOLUÇÃO e na obra “As Ruas de Lisboa” feita de sobreposições, colagem e descolagem de cartazes de Abril, vamos construir os nossos CARTAZES EM LIBERDADE para dia 25 descermos a avenida em festa.



A MENINA COM OS OLHOS OCUPADOS

► Sábado [11] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JOJO RABBIT

Jojo Rabbit
de Taika Waititi
com Roman Griffin Davies, Thomasian Mckensie, Scarlett Johansson
Nova Zelândia, Estados Unidos, Chéquia, 2019 – 108 min / Legendado em português | M/12

Sexta longa-metragem do realizador Taika Cohen Waititi, JOJO RABBIT é uma sátira da Segunda Guerra Mundial, que acompanha um solitário rapaz alemão cujo mundo vira de pernas para o ar quando descobre que a sua mãe solteira esconde uma jovem judia no sótão. Apoiado apenas pelo seu amigo imaginário e idiota, Adolf Hitler, Jojo tem de confrontar o seu nacionalismo cego.

► Sábado [18] 11h00 | Biblioteca

CARTAZES EM LIBERDADE

Conceção e orientação de Maria Remédio
para crianças dos 6 aos 10 anos

O que é ser livre? O que é a liberdade para cada um? Como é que a podemos mostrar num desenho, numa frase, numa imagem? Nesta oficina vamos ver filmes relacionados com o 25 de Abril e a peça “As Ruas de Lisboa” de Ana Hatherly, para em conjunto fazermos cartazes que expressem as nossas ideias de liberdade. Usaremos impressões em risografia, decalques e desenhos que se vão escondendo e revelando em camadas sobrepostas, com a ajuda da cola pincelada sobre os papéis. Que mensagem liberta o teu cartaz? Mais informações e inscrição em www.cinemateca.pt/cinematecajunior.

► Sábado [18] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CAPYBARAS

“Capivaras”
de Alfredo Soderguit
França, 2024 – 10 min

A CADA DIA QUE PASSA

de Emanuel Nevado
Portugal, 2024 – 24 min

BOBEL'S KITCHEN

“A Cozinha do Bobel”
de Fiona Rolland
Bélgica, 2024 – 10 min

A MENINA COM OS OLHOS OCUPADOS

de André Carrilho
Portugal, 2024 – 7 min

LE TUNNEL DE LA NUIT

“Túnel Noturno”
de Annechien Strouven
Bélgica, França, 2024 – 9 min

Duração total da projeção: 60 min | sem diálogos | M/3

Integrada no Warm Up do IndieJúnior 2026, esta sessão reúne cinco curtas-metragens que se destacaram nas últimas edições do festival, filmes portugueses e estrangeiros que conquistaram o público mais jovem, seja pela força das suas histórias, seja pela qualidade visual e criatividade. Em “Capivaras”, o animal mais adorado pelos mais pequenos, aprendemos uma tocante lição de solidariedade. A CADA DIA QUE PASSA leva-nos até à ruralidade portuguesa, através de um grupo de ratinhos muito especiais. Depois, conhecemos “A Cozinha do Bobel”, um cogumelo venenoso com um talento inesperado para a culinária. Em A MENINA COM OS OLHOS OCUPADOS, mergulhamos num universo de cores vibrantes, para voltar a descobrir que nada substitui a experiência de olhar verdadeiramente o mundo que nos rodeia. A sessão encerra com o surpreendente “Túnel Noturno”, que nos convida a viajar para lá dos limites geográficos e da imaginação. Uma proposta pensada para despertar a curiosidade e abrir o apetite a novas descobertas cinematográficas, antecipando a próxima edição do IndieJúnior, que terá lugar de 30 de abril a 10 de maio. A seguir à sessão, as famílias estão convidadas a passar a tarde na Esplanada da Cinemateca, para atividades lúdicas e pedagógicas, de entrada livre.

SESSÃO DESCONTRAÍDA

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

► ÍNDICE	
CINEMATECA JÚNIOR	02
CLAUDIA CARDINALE!	03
PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES	05
A CASA	06
HISTÓRIAS DO CINEMA:	
CHRISTA BLÜMLINGER/HARUN FAROCKI	08
A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS	
NA GRÉCIA E EM ESPANHA	09
A ENXADA É DE TODA A GENTE	
– A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’	11
VIAGEM AO FIM DO MUDO	12
PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA	
NUMA SALA DE MONTAGEM”	13
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA	14
ANTE-ESTREIAS	14
O QUE QUERO VER	14
CALENDÁRIO	15/16

► AGRADECIMENTOS

Miguel Saramago; Luís Fonseca, Mónica Calle, Pedro Costa, Rita Azevedo Gomes; Aurora Palandrani (Fondazione AAMOD - Roma); Germana Ruscio (Cinecittà Luce); Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Maria Coletti (Cineteca Nazionale); Anke Hahn, Diana Kluge (Deutsche Kinemathek); Stephanie Hausmann (Filmmuseum München); Carlos Reviriego, Esther Lucas, Valeria Camporesi (Filmoteca Española); Maria Komninos, Phaedra Papadopoulou (Greek Film Archive); Nathanaël Arnould (INA, Paris); Antje Ehmman (Harun Farocki GBR); Patricia Heckert (Murnau Stiftung); Hugo Aragão Correia, Pedro P. Santos (RTP).

► CAPA

IL GATTOPARDO *O Leopardo*
de Luchino Visconti [Itália, França, 1963]



CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

CLAUDIA CARDINALE !

EM COLABORAÇÃO COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO

Claudia Cardinale foi uma das maiores vedetas do cinema europeu, mas sobretudo uma das últimas grandes estrelas do tempo em que o cinema europeu, particularmente o cinema italiano mas não apenas esse, era “capaz de tocar toda a gente ao mesmo tempo”, para citar uma ideia de Jorge Silva Melo. E, de facto, de Luchino Visconti a Federico Fellini, de Valerio Zurlini a Luigi Comencini, consultar a lista de realizadores com quem Cardinale trabalhou é encontrar um mundo onde não havia grande distinção entre o espetáculo “popular” e o espetáculo “autoral”. Dizendo de outra maneira, seria possível contar a história do cinema europeu a partir da filmografia de Claudia Cardinale, dos anos 1950 ao século XXI – porque ela trabalhou praticamente até ao fim da vida (o seu último em crédito em filmes data de 2022), e gabava-se disso, sem deixar de reconhecer o privilégio que era, para uma atriz octogenária, continuar a receber propostas de trabalho.

Nascida em 1938 na Tunísia, filha de imigrantes sicilianos, Cardinale chegou ao cinema de maneira fortuita, propulsionada pela sua beleza física. Com 17 anos ganhou um concurso de “Italiana mais Bonita da Tunísia”, cujo prémio era uma viagem ao Festival de Veneza. Deu nas vistas de vários produtores, recebeu um convite para estudar representação em Roma, um curso que chegou a frequentar mas de que desistiu, preferindo voltar à Tunísia quando as portas do cinema pareciam abrir-se-lhe – uma renitência face ao mundo do cinema, face ao estrelato, que no fundo nunca a abandonou, e que enquadrou sempre muitas das suas escolhas e das suas decisões. Por exemplo, quando voltou costas a uma carreira no cinema americano, em que parecia bem lançada, por não gostar da maneira como se sentia tratada nem ter vontade de se mudar para Hollywood (onde nunca estabeleceu residência, apesar dos vários filmes que aí fez). Também nunca lidou bem com o seu estatuto de “sex symbol” – em que chegou a ser considerada como a grande rival de Brigitte Bardot – e outra coisa de que se gabava era de nunca se ter deixado filmar despida.

Começou por pequenos papéis, no final dos anos 50, o mais famoso dos quais nos SOLITI IGNOTI de Mario Monicelli, e nesses filmes iniciais a sua voz era dobrada, porque Cardinale não falava bem o italiano continental, só o dialeto siciliano dos seus pais e o francês e o árabe da sua educação tunisina, e porque os produtores tinham algum receio da sua voz rouca, que também era o resultado dos dois maços de cigarros que fumava diariamente – é um pouco surpreendente descobrir que só se ouviu a verdadeira voz de Cardinale a partir de 1963 e de OTTO E MEZZO, tendo sido Fellini a quebrar o “tabu”, um tabu que a atriz nunca levou a mal, e na sua timidez até encorajou, por considerar que tinha “uma voz esquisita”. Independentemente disso, o filme mais marcante dos iniciais de Cardinale, aquele que a projetou decisivamente para o firmamento das estrelas do cinema europeu, foi a RAGAZZA CON LA VALIGIA de Valerio Zurlini, em 1961. Cardinale sempre reconheceu quão decisivo fora o encontro com Zurlini, não só pelo sucesso do filme, mas porque o realizador a “compreendeu imediatamente”, e lhe “ensinou tudo sem lhe exigir nada”.

A partir daí estava desimpedido o caminho para o passeio de Cardinale pelos maiores filmes dos anos 60, dos grandes mestres (Fellini, Visconti) aos pequenos mestres (Pietrangeli, Maselli), com a sereia do cinema americano a chamá-la rapidamente – logo em 1964 foi escolhida por Blake Edwards para THE PINK PANTHER, e embora tenha feito vários filmes em contexto hollywoodiano essa ficou como a melhor recordação, e Edwards o realizador americano com quem mais gostou de trabalhar (tanto assim que voltou em pequenas participações nas futuras sequelas de PINK PANTHER que Edwards dirigiu). Nos anos 70, acompanhando também as próprias transformações do cinema europeu, foi sendo progressivamente atraída para projetos de “autor”, mais ou menos “experimentais”, sem receita prescrita, e até algo radicais – é assim que a vamos encontrar no cinema de Werner Herzog (a loucura de FITZCARRALDO) ou no de Marco Bellocchio (ENRICO IV), sem esquecer o desejo, proferido ao longo de anos, de um dia trabalhar com Manoel de Oliveira, que se veio a concretizar in extremis, na última longa-metragem (GEBO E A SOMBRA) do realizador português.

Este é, então, o trajeto que propomos, uma viagem por dezasseis dos mais memoráveis momentos da obra desta atriz incomparável, capaz de ser sempre um pouco de tudo, por vezes muito cómica, outras muito trágica, frequentemente as duas coisas ao mesmo tempo, e uma atriz que “marcou” os filmes, que os tornou impensáveis se, porventura, outra atriz tivesse sido escolhida para os papéis que lhe couberam. Razões para exclamar: Claudia Cardinale! A abertura da retrospectiva conta com a presença de Claudia Squitieri, Presidente da Fundação Claudia Cardinale e filha da atriz e do realizador Pasquale Squitieri (de quem será exibido CORLEONE, protagonizado por Cardinale).



LA RAGAZZA CON LA VALIGIA

- Quarta-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

I SOLITI IGNOTI

Gangsters Falhados

de Mario Monicelli

com Totò, Marcello Mastroianni, Vittorio Gassman, Renato Salvatori, Claudia Cardinale

Itália, 1958 – 106 min / legendado em português | M/12

Uma das melhores comédias com Totò realizada por Mario Monicelli, abordando o tema clássico da tentativa gorada de um assalto que os gangsters falhados do título comercial português pretendem executar com “métodos científicos”. Totò dá um ar mais humano à sua típica figura de marioneta e uma dignidade maior à imagem do cómico, como membro de um gang que tem em Vittorio Gassman um dos elementos mais desastrosos. A apresentar em cópia digital.

- Quarta-feira [01] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA RAGAZZA CON LA VALIGIA

A Rapariga da Mala

de Valerio Zurlini

com Claudia Cardinale, Jacques Perrin, Romolo Valli, Gian Maria Volonté

Itália, 1961 – 121 min / legendado em português | M/12

SESSÃO DE DIA 01 COM A PRESENÇA DE CLAUDIA SQUITIERI

Único triunfo comercial de Zurlini, esta RAPARIGA DA MALA serviu também para afirmar o talento de Claudia Cardinale que fora vista em breves papéis no ROCCO de Visconti e nos GANGSTERS FALHADOS de Monicelli. Um drama de amor com fundo de Verdi e de luta de classes numa Itália onde começara o boom económico. Um delicadíssimo retrato da adolescência (um extraordinário Jacques Perrin) e do desencanto. Um genial uso da música.

- ▶ Quarta-feira [01] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OTTO E MEZZO

Fellini Oito e Meio

de Federico Fellini

com Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale, Anouk Aimée, Sandra Milo

Itália, 1962 - 138 min / legendado em português | M/12

SESSÃO DE DIA 01 COM A PRESENÇA DE CLAUDIA SQUITIERI

O ponto de partida deste filme foi o cancelamento de um projeto de Fellini. Vendo a alegria dos técnicos perante a hipótese de fazer um novo filme (só ele sabia do cancelamento do projeto), Fellini sentiu remorsos e decidiu fazer um filme sobre um filme que não se faz. O resultado foi OTTO E MEZZO, no qual Fellini abandona por completo o realismo, a causalidade e a narrativa linear, numa obra quase abstrata, ambiciosíssima e marcada por uma poderosa imaginação visual. Explosivo e torrencial, o filme teve enorme impacto e fixou definitivamente a imagem de génio que passaria a ser associada a Fellini. Nele, o cineasta pôs muito do que sabia, vivera e, provavelmente, sonhara, pois pouco tempo antes ele iniciara uma psicanálise junguiana. O título é uma alusão à obra do próprio Fellini, pois seria o seu oitavo filme “e meio” (sete longas, duas curtas e uma co-realização). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

IL GIORNO DELLA CIVETTA

O Dia da Vergonha

de Damiano Damiani

com Franco Nero, Lee J. Cobb, Claudia Cardinale

Itália, 1968 - 108 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado no romance homónimo de Leonardo Sciascia, um livro publicado em 1961, e baseado em factos verídicos, que mudou a relação de Itália com a mafia siciliana. A adaptação de Damiano Damiani é muito, muito boa, e insere-se plenamente na vaga de filmes (a começar pelo SALVATORE GIULIANO de Francesco Rosi) que ao longo da década de 1960 se propuseram investigar a mafia siciliana como um ecossistema cultural. Um ecossistema que, neste filme estruturado no confronto entre um polícia recém-chegado (Franco Nero) e o velho “capo” local (Lee J. Cobb), se revela denso e cerrado, com uma cultura da “omertà” que o torna impenetrável ao Estado italiano. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [02] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

IL GATTOPARDO

O Leopardo

de Luchino Visconti

com Burt Lancaster, Alain Delon, Claudia Cardinale, Serge Reggiani, Rina Morelli, Paolo Stoppa

Itália, França, 1963 - 185 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE CLAUDIA SQUITIERI

Adaptado do romance de Tomasi Di Lampedusa, IL GATTOPARDO é um dos pontos culminantes da obra de Luchino Visconti e um exemplo maior do cinema histórico, pelo rigor da análise social, pelo retrato das personagens e pela descrição dos conflitos. O pano de fundo é a libertação da Itália por Garibaldi e o tema o fim de uma era e o nascimento de outra, com as soluções de compromisso e as cumplicidades do poder com as antigas classes dirigentes. Burt Lancaster compõe um fabuloso Príncipe de Salina, que sabe que “é preciso que alguma coisa mude para que fique tudo na mesma”. A apresentar em cópia 35mm.

- ▶ Quinta-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [06] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PINK PANTHER

A Pantera Cor-de-Rosa

de Blake Edwards

com David Niven, Peter Sellers, Capucine, Robert Wagner, Claudia Cardinale

Estados Unidos, 1964 - 113 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Título famosíssimo que deu a Peter Sellers uma das suas mais ilustres criações na pele do desastrado inspector Clouseau, depois retomada em várias sequelas, e que originou uma celeberrima série de desenhos animados. É um exemplo da sofisticação “espumante” de Blake Edwards. “Pantera Cor-de-Rosa” é também o nome do diamante que está no centro da intriga. A exhibir em cópia 35mm.

- ▶ Terça-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA RAGAZZA DI BUBE

A Rapariga de Bube

de Luigi Comencini

com Claudia Cardinale, George Chakiris, Marc Michel

Itália, França, 1963 - 109 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptação do romance epónimo de Carlo Cassola. Bube é um *partigiano* que, no final da guerra, visita uma aldeia para dar testemunho da morte de um camarada aos pais deste, e se apaixona pela irmã (Claudia Cardinale), com quem casa. Bube é forçado a fugir, acusado da morte do chefe da polícia e a mulher arranja trabalho na cidade, onde encontra um novo interesse romântico, acabando por enfrentar um dilema quando Bube é preso e vai a julgamento. Destaque para a fabulosa fotografia a preto e branco de Gianni di Venanzo.

- ▶ Quarta-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

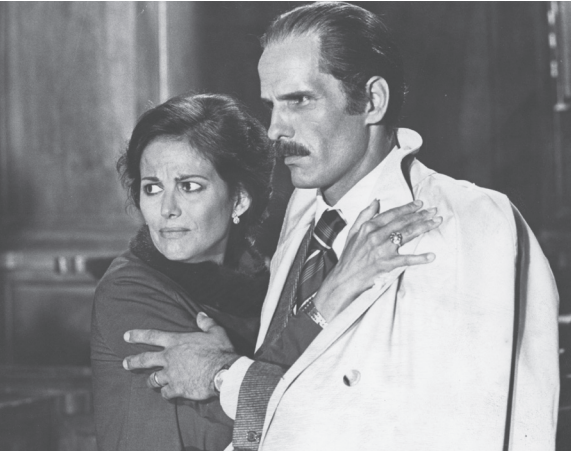
GLI INDIFFERENTI

Os Indiferentes

de Francesco Maselli

com Claudia Cardinale, Rod Steiger, Shelley Winters, Paulette Goddard

Itália, 1964 - 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12



CORLEONE

Claudia Cardinale num elenco cheio de “importações” de Hollywood (Steiger, Winters, Paulette Goddard), para uma adaptação do célebre romance de juventude de Alberto Moravia sobre a mentalidade da classe média italiana nos anos do fascismo (o livro foi publicado em 1929). Não foi um filme muito bem acolhido na época de estreia, mas o mesmo se passou com muitos outros filmes de Francesco Maselli – que, no entanto, envelheceram muito bem. Um objecto a redescobrir e a reavaliar. A exhibir em cópia 35mm.

- ▶ Quarta-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

- ▶ Segunda-feira [13] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIBERA, AMORE MIO...

Livre, Meu Amor

de Mauro Bolognini

com Claudia Cardinale, Bruno Cirino, Adolfo Celi

Itália, 1975 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Libera (“livre”) é o nome da personagem de Claudia Cardinale, uma filha de anarquista que mais anarquista é ainda. Ao longo das primeiras décadas do século XX (é como o “1900” de Bolognini), Libera vive em aguerrida confrontação com todos os poderes (da Igreja ao regime fascista), junta-se à Resistência durante a II Guerra, mas também aí a sua rejeição do comunismo lhe traz mais confrontos. Através da personagem de Cardinale, Mauro Bolognini faz uma espécie de auto-retrato enquanto espírito “libero”. Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VAGHE STELLE DELL'ORSA...

de Luchino Visconti

com Jean Sorel, Claudia Cardinale, Marie Bell

Itália, França, 1965 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

VAGHE STELLE DEL'ORSA... é uma das obras menos conhecidas do autor de IL GATTOPARDO, talvez por não ser muito característica do seu estilo, pois Visconti quis que este filme fosse mais fechado e mais seco, mais “moderno” do que os que viria a fazer no seu período final, a partir de OS MALDITOS. Filmado a preto e branco, o que começava a ser raro nos anos sessenta, o filme, cujo título cita o início de um célebre poema de Giacomo Leopardi (“Belas estrelas da Ursa”), conta a paixão incestuosa de um jovem pela irmã, que se encontram na mansão paterna, quando ela regressa, acompanhada pelo marido, para se confrontar com um passado intolerável (a mãe denunciara o pai que morrera num campo de concentração).

- ▶ Quinta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PROFESSIONALS

Os Profissionais

de Richard Brooks

com Burt Lancaster, Lee Marvin, Robert Ryan, Woody Strode, Jack Palance, Claudia Cardinale

Estados Unidos, 1966 - 117 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com o PINK PANTHER de Blake Edwards, THE PROFESSIONALS é um dos melhores e mais famosos produtos do breve “flirt” de Claudia Cardinale com Hollywood, ou vice-versa. Richard Brooks, por esta altura, estava em excelente forma (e este é o filme imediatamente anterior à sua obra-prima, IN COLD BLOOD), e este western revisionista, “revisionista” no sentido em que não tem ilusões idealistas e sabe que o que move as suas personagens são a cupidez e o cinismo, é também uma “revisão” do lugar das mulheres dentro do género: não é à toa que Cardinale é a única mulher num elenco que é uma coleção de actores de imagem e reputação de brutalidade (Lancaster, Marvin, Ryan, Strode, Palance...). Também por isso, e de forma quase subliminar, é um filme bastante cómico. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ENRICO IV

de Marco Bellocchio

com Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale, Leopoldo Trieste

Itália, 1984 - 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme singular de Marco Bellocchio, que adapta uma peça de Luigi Pirandello sobre um homem que julga ser Henrique IV, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Intervém a psiquiatria (desde sempre um interesse de Bellocchio), com um estratagema para arrancar o homem (que é Mastroianni) aos seus delírios de grandeza medieval. É também um filme a trabalhar as formas do teatro, incluindo o teatral musical, com uma banda sonora original composta por Astor Piazzolla. Primeira exibição na Cinemateca, a apresentar em cópia digital.

► **Sábado [11] 19h30 | Sala Luís de Pina**

CORLEONE

O Último Padrinho

de Pasquale Squitieri

com Giuliano Gemma, Claudia Cardinale, Francisco Rabal

Itália, 1978 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A máfia, mais uma vez: CORLEONE centra-se na figura de Luciano Liggio, chefe do gang dos Corleonesi, uma das mais poderosas “famílias” da máfia siciliana. Pela capacidade de fugir das autoridades, e de se furtar a condenações judiciais, Liggio foi durante algum tempo o mafioso mais célebre e mais temido de Itália, até que em 1974 o Estado italiano conseguiu finalmente condená-lo a uma pena de prisão perpétua. O livro que o filme adapta, uma biografia jornalística, foi publicado nessa altura. Um pouco por tudo isto, CORLEONE foi extremamente bem sucedido nas bilheteiras italianas. Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em cópia 35mm.

► **Quarta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

O GEBO E A SOMBRA

de Manoel de Oliveira

com Michael Lonsdale, Claudia Cardinale, Jeanne Moreau, Leonor Silveira, Luís Miguel Cintra, Ricardo Trepá

Portugal, 2012 – 95 min / legendado em português | M/12

A última longa-metragem de Manoel de Oliveira, realizada a partir de uma peça de Raul Brandão, conta a história de Gebo, um contabilista, que vive com a mulher e a nora, inquieto pela ausência do filho, João que, quando reaparece, altera o estado das coisas, ou o das expectativas. A pobreza está no centro de O GEBO E A SOMBRA, “o dinheiro nunca se perdoa”. Um filme terrível e austero, em que se “sorri bastante (...) pela delicadeza e graça com que Oliveira condimenta a austeridade da sua mise-en-scène, e pela delicadeza, em estado de graça, do seu sexteto de atores” (Luís Miguel Oliveira, *Ípsilon*).

► **Quinta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

FITZCARRALDO

Fitzcarraldo

de Werner Herzog

com Klaus Kinski, Claudia Cardinale, José Lewgoy, Miguel Angel Fuentes, Paul Hittscher

Alemanha, Perú, 1982 – 157 min / legendado em português | M/12

Foi o projeto louco de Werner Herzog. Tão louco e megalómano como o da sua personagem, Fitzcarraldo (Klaus Kinski, num icónico papel), que apostou levar a ópera (e Enrico Caruso) ao coração do Amazonas, numa viagem que é uma odisséia. Odisséia que o filme conta e o filme viveu, tão desmedida uma como a outra. A exhibir em cópia 35mm.

► **Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

L'UDIENZA

A Audiência

de Marco Ferreri

com Enzo Jannaci, Claudia Cardinale, Michel Piccoli, Ugo Tognazzi

Itália, 1972 – 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Apesar do relativo sucesso que encontrou na época da estreia (prémio Fipresci em Berlim 1972), foi um filme que ficou um pouco esquecido dentro da filmografia de Marco Ferreri. Conta a história de Amedeo, um jovem que se desloca ao Vaticano para conseguir uma audiência privada com o Papa; dissuadem-no de várias maneiras, mas ele insiste até ao fim, num estoicismo sacrificial cujos motivos são sempre elididos: nunca se esclarece por que razão é tão importante para ele uma conversa pessoal com o Papa.



FITZCARRALDO



VAGHE STELLE DELL'ORSA...



IL GIORNO DELLA CIVETTA

PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES

EM COLABORAÇÃO COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO

Nos cinquenta anos da bárbara morte de Pier Paolo Pasolini (a 2 de novembro de 1975) e a propósito do lançamento do novo volume das “Folhas da Cinemateca” dedicado à obra do realizador italiano (que foi muito mais que apenas realizador – poeta, pintor, dramaturgo, cronista, ensaísta, filósofo, político, polemista), a Cinemateca – juntamente com a Festa do Cinema Italiano – apresenta um conjunto de quatro sessões com versões e materiais de filmes nunca antes exibidas em Portugal. São cópias restauradas, versões que recuperam os cortes feitos pela censura, versões alternativas de montagem (especulativa), versões com outras dobragens (que repõem a voz de Maria Callas) e materiais para um filme militante sobre uma greve dos cantoneiros, que ficaria inacabado – a apresentar numa sessão especial com a leitura de um poema de Pasolini por Luciana Fina e acompanhamento ao piano de Filipe Raposo. Cinco raridades que completam a exibição integral da obra de Pier Paolo Pasolini na Cinemateca, após o grande Ciclo “Pier Paolo Pasolini: O sonho de uma coisa”, de 2006, recentemente complementado pelo Ciclo “Pasolini Revisitado”, em 2022, ano do centenário do seu nascimento. O livro de “Folhas da Cinemateca” *Pier Paolo Pasolini* inclui textos de Antonio Rodrigues, João Bénard da Costa, Manuel Cintra Ferreira e Ricardo Vieira Lisboa (que organiza este volume). O lançamento terá lugar antes da sessão das 21h45 de dia 2 de abril.

► **Quinta-feira [02] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro**

LA RICOTTA – DIRECTOR'S CUT

de Pier Paolo Pasolini

com Orson Welles, Mario Cipriani, Laura Betti

França, Itália, 1963-2022 - 38 min

SOPRALLUOGHI IN PALESTINA PER IL VANGELO SECONDO MATTEO

de Pier Paolo Pasolini

França, Itália, 1965 – 55 min

Duração total da projeção: 93 min / legendados eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

LA RICOTTA retrata a rodagem de um filme marxista sobre a vida de Jesus (onde Orson Welles interpreta o papel do realizador). O ator que faz o papel do Bom Ladrão morre de indigestão. A causa da morte, um requeijão. O lado sacrílego do filme levou a que, poucos dias após a estreia, todas as cópias fossem apreendidas pela polícia e que o realizador fosse processado por “Ataque contra a religião”. Em dois meses o processo censório foi terminado e a condenação obrigou que se cortassem várias cenas e diálogos. O filme circulou, desde então, na versão censurada. Recentemente foi descoberta uma cópia da primeira versão e a partir desta produziu-se LA RICOTTA – DIRECTOR'S CUT. A sessão é seguida pela apresentação do novo restauro digital (estreado na última edição do Festival IL Cinema Ritrovato) de SOPRALLUOGHI IN PALESTINA PER IL VANGELO SECONDO MATTEO,

o filme que documenta a visita de Pasolini às terras da Palestina e da Jordânia em busca de locais para a rodagem para o filme IL VANGELO SECONDO MATTEO (que acabaria por ser filmado em Itália). Primeiras apresentações das referidas versões, em cópias digitais.

► **Segunda-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MEDEA

Medeia

(versão com a voz de Maria Callas)

de Pier Paolo Pasolini

com Maria Callas, Giuseppe Gentile, Massimo Girotti, Laurent Terzieff

França, Itália, 1969 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O encontro de Pasolini com Maria Callas (ficariam grandes amigos, Pasolini dedica-lhe uma série de poemas e outra de desenhos), deu-se à volta da *Medeia*, de Eurípides, que também fora o ponto de partida de uma ópera de Cherubini, uma das suas históricas criações (levada ao palco em 1953 e 62). Pasolini desenvolveu o filme para Callas mas, para surpresa e desconsolo de todos os amantes de cantora, em MEDEIA esta não canta e quase não fala. Foi justamente por não ter de cantar que Callas aceitou o convite (outros realizadores já a haviam desafiado e esta recusara sempre). Mas além de não cantar, Pasolini teve a ousadia de, durante a pós-produção, convidar outra atriz para

a dobrar (Rita Savagnone), no que era uma prática comum. A versão italiana dobrada foi aquela que mais circulou, no entanto produziram-se, à época, duas versões com a voz de Callas, uma em italiano (com a qual Pasolini não estava satisfeito) e outra em inglês. Recentemente o BFI recuperou a versão inglesa do filme e será essa que se irá apresentar na Cinemateca – pela primeira vez com a voz da cantora. A exhibir em cópia digital.

► Terça-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA (FILME INACABADO)

de Pier Paolo Pasolini

Itália, 1970 – 85 min / sem som | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO E LEITURA DE POEMA POR LUCIANA FINA

No início do novo milénio, o realizador e arquivista Domenico Calopresti indentificou no AAMOD (Arquivo do Movimento Operário Italiano), nos depósitos do Partido Comunista, uma série de bobines de 16mm, em preto e branco e sem som, que correspondem – crê-se – à integralidade dos brutos que Pasolini havia filmado aquando da greve dos cantoneiros (que durou três dias, em abril de 1970). Deixado inacabado, esse filme sobre os trabalhadores da recolha do lixo, integrar-se-ia na série de *Appunti* ("apontamentos") com que o realizador pretendia retratar as classes marginalizadas de todo o mundo. Ainda que o realizador tenha abandonado o projeto (as razões não são claras), no ano seguinte publicaria, como apêndice do livro de poesia *Trasumanar e organizzar* o poema "A li scopini" (*Aos varredores*), que se acredita ter sido escrito com vista a integrar a narração do filme. Nesta sessão especial, Luciana Fina fará uma leitura do poema (em italiano e em português) em diálogo com o piano de Filipe Raposo. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Quinta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA RABBIA DI PASOLINI

de Pier Paolo Pasolini, Giuseppe Bertolucci

com Giorgio Bassani e Renato Guttuso (vozes)

Itália, 1963-2008 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

"LA RABBIA é um ensaio polémico e ideológico sobre acontecimentos de anos recentes, feito a partir de uma montagem de atualidades cinematográficas e curtas-metragens", declarou Pasolini, que, para preparar o seu trabalho, visionou centenas de horas de imagens de arquivo, para responder à pergunta posta pelo produtor: "Porque é que a nossa vida é dominada pelo descontentamento, pela angústia, pela guerra e pelo medo?" O resultado é um filme-ensaio, comparável a certos trabalhos de Chris Marker. No entanto, o produtor (Gastone Ferranti) resolveu "equilibrar" o filme reduzindo o contributo de Pasolini e convidando, para uma "segunda parte", um homem de direita, Giovanni Guareschi. Pasolini renegou o resultado (não aquilo que fizera, mas a junção das duas partes). Em 2008, Giuseppe Bertolucci promoveu a "reconstrução da versão completa" da parte de Pasolini. LA RABBIA DI PASOLINI inclui uma introdução histórica e precede a integralidade da parte realizada por Pasolini por um prólogo ao qual o realizador se viu obrigado a renunciar quando o filme passou a ter duas partes. Este prólogo baseia-se no comentário que o realizador já havia escrito, mas consiste numa escolha especulativa de imagens do jornal de atualidades MONDO LIBERO. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.



A CASA

Esta segunda parte de A CASA mostra o que acontece quando os cineastas voltam a câmara "para dentro"; não para o mundo em redor, mas para o interior, para a sua própria casa. Por acaso, será mesmo um filme português o exemplo maior e mais absoluto deste movimento para o interior: VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES, o filme "póstumo" de Manoel de Oliveira, construído como um olhar sobre a casa em que viveu durante décadas no momento em que teve que a vender. Outros cineastas filmaram os seus redutos domésticos, muitas de forma indissociável de um registo ou de uma investigação sobre a família – casos de Sacha Guitry, de Martin Scorsese, de Marco Bellocchio, de Chantal Akerman – mas de uma forma que é sempre "única", movida por preocupações precisas, e precisa portanto de ser "inventada" a cada momento (e é por isso que todos estes vários filmes, partindo de um princípio mais ou menos comum entre eles, resultam em objetos completamente distintos uns dos outros). Quase sempre, em termos de "género", estes filmes se aproximam do "documentário", porque afinal de contas o espaço doméstico é uma realidade tão poderosa que repele qualquer ideia de falsificação. Mas o que acontece quando a ficção se instala "em casa"? Isso é o que se vê, caso quase único na história do cinema, nos derradeiros filmes de Jean-Claude Brisseau (mostramos o último, QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE, que o diabo nos carregue), em que a sua casa se transformou num estúdio e a mais delirante e sobrenatural ficção veio habitar a sua sala de estar, o seu escritório, jogar-se com os seus objectos quotidianos, as suas estantes de livros, as suas prateleiras de DVDs. Em maio, teremos uma terceira (e última) parte deste ciclo.

► Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES

de Manoel de Oliveira

com Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira,

Urbano Tavares Rodrigues, Teresa Madruga, Diogo Dória

Portugal, 1982 – 68 min | M/12

Realizado no início dos anos 1980 para ser visto como filme póstumo, VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES levou Manoel de Oliveira a filmar a casa da Rua Vilarinha, no Porto, projetada pelo arquiteto José Porto, que fez construir e foi a sua casa de família desde que se casou, em 1940, e durante cerca de quatro décadas mas foi forçado a vender (a "casa da Vilarinha" viria a ser classificada imóvel de interesse público, também pela sua histórica ligação ao modernismo português e pela singularidade como obra arquitetónica, a que estiveram ligados, além de José Porto, Viana de Lima e Cassiano Branco). Entre os momentos associados à vida nessa casa está a reconstituição da detenção de Oliveira pela PIDE, em 1963, altura em que conheceu o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Na obra de Oliveira, é o filme seguinte a FRANCISCA, a partir de um argumento próprio com texto de Agustina Bessa-Luís, fotografia de Elso Roque, som de Joaquim Pinto e montagem coassinada com

Ana Luísa Guimarães. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES é um filme autobiográfico, de "memórias e confissões", facto que esteve na origem da vontade do realizador em mantê-lo inédito durante o seu tempo de vida. "Uma casa é uma relação íntima, pessoal, onde se encontram as raízes", "a meu pedido, a Agustina fez um texto, muito bonito, a que chamou Visita. E eu acrescentei-lhe algumas reflexões sobre a casa e sobre a minha vida" (Manoel de Oliveira).

► Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

F FOR FAKE

de Orson Welles

com Orson Welles, Oja Kodar,

Elmyr de Hory, Clifford Irving, Joseph Cotten

França, Irão, 1974 – 88 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

F FOR FAKE é um dos mais insólitos filmes de Orson Welles, fabulosa incursão no mundo da ilusão, da fraude e da mentira. Welles prestidigitador, mestre de magia, traz até nós a presença de falsificadores célebres, na pintura (Elmyr de Hory) e na escrita (Clifford Irving, autor de

uma falsa autobiografia de Howard Hughes) e mostra como o cinema é a arte suprema dessas ilusões. Particularmente o seu. É um filme parcialmente feito “em casa”.



MARX PUÒ ASPETTARE

- ▶ Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CEUX DE CHEZ NOUS

de Sacha Guitry

França, 1915/1952 - 44 min

ITALIANAMERICAN

de Martin Scorsese

com Catherine, Charles e Martin Scorsese

Estados Unidos, 1974 - 45 min

Duração total da projeção: 89 min / Legendados eletronicamente em português | M/12

Filho de Lucien Guitry, Sacha cresceu no ambiente da aristocracia cultural francesa. CEUX DE CHEZ NOUS (“Os Lá de Casa”), o seu primeiro contacto com o cinema (que ele desprezou durante décadas, e a que só se dedicou a partir dos anos 30), nasceu da vontade do jovem Guitry de registar as visitas famosas da casa paterna: Sarah Bernhardt, Edgar Degas, Octave Mirbeau, Auguste Renoir, Auguste Rodin, e etc..., num mostruário da elite artístico-cultural francesa do princípio do século XX (e para vários desses vultos, são as únicas imagens filmadas de que há registo). Filmado nos anos 1910, só se tornou mais acessível a partir de 1952, quando Guitry o remontou e lhe acrescentou um comentário em “off” (é esta versão, a “definitiva”, a que vamos ver). Também é “a casa dos pais” que se vê em ITALIANAMERICAN, filme de família ancorado num almoço de Martin com o pai e a mãe Scorsese. Entre outras coisas, é um retrato vivo da imigração italiana em Nova Iorque, e da vida em Little Italy. A receita das almôndegas que Catherine Scorsese prepara para a refeição tornou-se objeto de culto, um belo cruzamento gastronómico-cinéfilo.

- ▶ Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT)

de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

Grã-Bretanha, 1986 - 48 min / Legendado eletronicamente em português

JLG/JLG

JLG por JLG

de Jean-Luc Godard

com Jean-Luc Godard, Geneviève Pasquier, Denis Jadot

França, Suíça, 1994 - 55 min / Legendado eletronicamente em português

Duração total da projeção: 103 min | M/12

SOFT AND HARD é também um diálogo – entre Godard e a sua companheira Anne-Marie Miéville – onde aos temas do cinema e da televisão se acrescentam os da criação artística e das relações amorosas. Em JLG/JLG, “Auto-retrato em Dezembro”, Godard

encena a sua própria solidão, a partir do local escolhido para o seu exílio voluntário: a sua casa na Suíça, nas margens do lago Lemán. Trata-se de um trabalho de uma beleza assombrosa, feito de uma tristeza pontualmente cortada por assomos luminosos e marcada por uma inquietante lucidez.

- ▶ Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE

Que o Diabo nos Carregue

de Jean-Claude Brisseau

com Fabienne Babe, Isabelle Prim, Anna Sigalevitch

França, 2018 - 97 min / Legendado em português | M/16

O filme final de Brisseau, talvez em plena consciência disso. Outra vez rodado, com um mínimo de meios, em casa do próprio autor, é um filme que retoma os temas (e o imaginário) do cinema de Brisseau (de CHOSES SECRÈTES em diante mas também o anterior, por exemplo o de CÉLINE) para o enformar duma gravidade desconcertante, com remissões a Bresson e a Pushkin, que vive paredes meias com a sua própria irrisão. Um bom resumo para a sua obra, afinal: inclassificável, sofisticada, habitante duma críptica ambiguidade.

- ▶ Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRYING TO KISS THE MOON

de Stephen Dwoskin

Estados Unidos, 1994 - 95 min / Legendado eletronicamente em português | M/16

Como sempre, Stephen Dwoskin filma a partir dos limites da sua própria mobilidade (vítima da poliomielite em criança, passou a vida dependente de uma cadeira de rodas), e essa escala é determinante. Mas TRYING TO KISS THE MOON alia o auto-retrato à auto-biografia, montando imagens colhidas por Dwoskin no seu quotidiano com os “home movies” que o seus pais filmaram em Nova Iorque, em 1939 (precisamente, o sítio e o ano do nascimento de Dwoskin).

- ▶ Sábado [11] 15h30 | Sala Luís de Pina

LOST, LOST, LOST

de Jonas Mekas

Estados Unidos, 1976 - 176 min / Legendado eletronicamente em português | M/12

O diário filmado com o qual o lituano Jonas Mekas (1922-2019) documenta os anos 1949-1963 conta as histórias de desapego e pertença que acompanharam a sua chegada aos EUA, e a vida de exílio que aí levou, ao lado do irmão Adolfas, integrando-se na comunidade artística da baixa de Nova Iorque das décadas de 1950 e 60. “Lido, nestas seis bobines, com um período de desespero, de tentativas desesperadas para lançar raízes em terra nova, de construir novas memórias. Nestas dolorosas seis bobines tentei sinalizar qual é a sensação de alguém no exílio, tal como a senti nesses anos. Descrevem o estado de espírito de uma Pessoa Deslocada que ainda não esqueceu o seu país de origem, mas que ainda não conquistou um novo país. A sexta bobine é uma bobine de transição em que começamos

a ver alguma descontração, em que eu comecei a vislumbrar momentos de felicidade. A nova vida começa...” (Jonas Mekas).

- ▶ Sábado [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [18] 16h00 | Sala Luís de Pina

NO HOME MOVIE

de Chantal Akerman

Bélgica, França, 2015 - 115 min / Legendado eletronicamente em português | M/12

A casa da mãe: de uma profunda delicadeza e generosidade, NO HOME MOVIE é simultaneamente um diário, um aceno, uma despedida, uma visita repleta de entrelinhas confessionais. “Este filme é acima de tudo sobre a minha mãe, a minha mãe que já não se encontra entre nós. Sobre essa mulher que chegou à Bélgica em 1938, em fuga da Polónia, dos pogroms e da violência. Essa mulher que é sempre apenas vista dentro do seu apartamento. Um apartamento em Bruxelas. Um filme acerca de um mundo em movimento que a minha mãe não vê.” Belíssimo, NO HOME MOVIE seria o último filme de Chantal Akerman, que afirmou que a mãe, Natalia, era o centro da sua obra.

- ▶ Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANA

de António Reis, Margarida Cordeiro

com Ana Maria Martins Guerra, Manuel Ramalho Eanes, Octávio Lixa Filgueiras

Portugal, 1982 - 114 min | M/12

Passado e presente, realidade e mito, trabalho e tradições, formam uma teia singular no mais belo e “puro” filme de António Reis e Margarida Martins Cordeiro, e sintetizam uma visão do mundo, de que a terra de Trás-os-Montes parece ser o centro, onde a personagem de Ana representa o equilíbrio cósmico, uma mulher que é “um pouco mais do que uma avó e um pouco menos do que um símbolo” (Serge Daney). Cópia restaurada e ampliada para o formato 35mm.

- ▶ Quinta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [28] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MARX PUÒ ASPETTARE

Marx Pode Esperar

de Marco Bellocchio

com Marco Bellocchio, Alberto Bellocchio, Pier Giorgio Bellocchio

Itália, 2021 - 96 min / Legendado em português | M/12

O mais impressionante dos muitos e impressionantes reflexos autobiográficos na obra do inesgotável Marco Bellocchio. MARX PUÒ ASPETTARE é uma reunião da “casa Bellocchio”, uma série de conversas entre o realizador e os seus irmãos e irmãs sobre um tema abissal, um “buraco” dentro da família: o suicídio de Camillo, irmão gémeo de Marco, em 1968. Como num pequeno CITIZEN KANE, o mosaico de recordações e testemunhos tenta responder às perguntas cruciais: quem era Camillo, realmente? Por que se matou? Porque é que ninguém percebeu a tempo o que se passava com ele? O título vem da última frase que Marco Bellocchio se recorda de ter ouvido ao seu irmão, nesse ano “revolucionário” de 1968. Primeira exibição na Cinemateca.



ANA

HISTÓRIAS DO CINEMA: CHRISTA BLÜMLINGER/HARUN FAROCKI

Em abril regressa a rubrica Histórias do Cinema com Christa Blümlinger, que entre dias 13 e 17 apresentará um conjunto de sessões-conferência a partir de filmes do cineasta e artista Harun Farocki (1944-2014) programadas de forma a abordar as diferentes vertentes da obra de um realizador, com o qual a investigadora e crítica desenvolveu uma estreita ligação. Harun Farocki dedicou parte da sua obra a uma crítica da história dos media e das imagens, que trabalhou através de documentários que assumiram frequentemente a forma de filmes-ensaio, ou de instalações, pensadas para contextos expositivos, em que explorou a capacidade do cinema de pensar o mundo em que vivemos.

Como escreveu Christa Blümlinger sobre Harun Farocki na altura da sua morte ("L'éclaireur des images", *Cahiers du Cinéma*, setembro 2014): "Farocki estava tão preocupado com os *slogans*, a imagem das marcas e a cultura visual da nossa época, como com o desaparecimento do trabalho na sociedade pós-industrial. O grande documentarista alemão abordou majestosamente este último ponto, que foi sempre central na sua obra, dos ensaios cinematográficos, aos documentários 'diretos' (sobre as várias formas de fabricar tijolos ou sobre a criação de maquetes arquitetónicas). Sempre apreciou o que Kracauer, na década de 1920, chamou de 'culto da distração'. Nas suas explorações audiovisuais dos mundos antigo e novo das imagens, Farocki desenterrou momentos de iluminação, sem nunca ser condescendente. Dos arquivos do presente, procurou trazer à luz um potencial para a reflexão. (...) Adorava dissecar o trabalho dos media, dos filmes e das máquinas da visão, e estudar os artesãos, os operários e o mundo comercial. Desde a década de 1960, e ao longo da sua vida como cineasta, ensaísta e artista, analisou os aparatos da fotografia e das imagens pós-fotográficas, os seus regimes de afeto e significação."

Christa Blümlinger é investigadora e professora na Universidade Paris 8, é também escritora, crítica e curadora, e tem publicado em revistas como a *Trafic*, *Cargo*, *Concreta*, *Comparative Cinema* e *Radical Philosophy*, debruçando-se sobre áreas como o documentário e a vanguarda alemã e austríaca. Tem escrito regularmente sobre a obra de Harun Farocki, e dos diálogos estabelecidos entre ambos em 2013/14 resultou *The ABCs of The Essay Film*. Em 2022 publicou *Harun Farocki: Du Cinéma au Musée* (2022) e em 2002 havia já editado *Harun Farocki. Reconnaître et poursuivre*, uma seleção de textos por si estabelecida e introduzida. Entre os seus livros mais recentes estão *Horizontes documentales. Escritos selectos sobre cine* (La Fuga/ Ediciones Metales Pesados, 2025), *Teri Wehn Damisch*, *Transatlantic Passages Between the Arts* (Harun Farocki Institut, 2025), *Trafic*, *Almanach de cinéma* (que co-editou com Raymond Bellour, Bernard Benoliel, Jean-Paul Fargier e Judith Revault d'Allonnes, 2023), *Morgan Fisher, Off screen cinema* (monografia que co-dirigiu, 2017), e a edição dos escritos de Serge Daney em alemão (2000).

Como é habitual, são cinco sessões-conferência cujas projeções são antecedidas e sucedidas de apresentações, numa sequência de encontros pensados como experiência cumulativa. Inicialmente programadas para janeiro deste ano, mas adiadas para abril, Blümlinger regressa agora à Cinemateca depois de em 2018 ter participado num encontro em que se exibiu ARBEITER VERLASSEN DIE FABRIK, de Farocki, sendo esta a mais completa mostra que dedicamos à obra do cineasta, depois de um Ciclo realizado em 1990.

SESSÕES-CONFERÊNCIA

As intervenções de Christa Blümlinger serão feitas em inglês, sem tradução simultânea.

► Segunda-feira [13] 18h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 1 – INSTRUÇÕES EM ECONOMIA POLÍTICA

ZWISCHEN ZWEI KRIEGEN

"Entre duas Guerras"

de Harun Farocki

Alemanha, 1978 – 83 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR CHRISTA BLÜMLINGER

Um filme sobre a época dos altos-fornos (1917-1933) e sobre o desenvolvimento de uma indústria enquanto metáfora de uma máquina perfeita que culminou na sua própria destruição, e simultaneamente como ilustração do carácter autodestrutivo da produção capitalista. Em "ENTRE DUAS GUERRAS", Harun Farocki procura entrelaçar a lógica da guerra com a lógica da produção industrial como dinâmicas determinantes dos anos em questão, mas realiza também um filme sobre as exigências da produção cinematográfica e uma reflexão sobre a criação. Farocki apresenta-nos "imagens que pensam", revelando-nos um cinema ensaístico assente na montagem, com fortes afinidades com o trabalho de outros cineastas como Jean-Luc Godard. A apresentar em cópia digital, em primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [14] 18h30 | Sala Luís de Pina

JEDER EIN BERLINER KINDL

"Todos São uma Kindl Berlinense"

ZUR ANSICHT: PETER WEISS

"Para Visualização: Peter Weiss"

DER GESCHMACK DES LEBENS

"O Sabor da Vida"

de Harun Farocki

Alemanha, 1966, 1979, 1979 – 4, 44, 29 min

duração total da projeção: 77 minutos / legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR CHRISTA BLÜMLINGER

Num dos seus primeiros trabalhos Harun Farocki parodia a marca de cerveja berlinense Kindl mediante uma análise crítica da sua estratégia publicitária, num exercício de semiótica política através dos tempos. ZUR ANSICHT: PETER WEISS correponde a uma entrevista de Farocki a Peter Weiss em torno do seu livro "A Estética da Resistência" (1975-1981), um romance histórico antifascista que acompanha um grupo de jovens estudantes que discutem as relações entre arte e resistência política, evocando-se a Guerra Civil Espanhola ou a luta contra o nazismo. A propósito de "O SABOR DA VIDA", Farocki descreveu um dos grandes propósitos do seu trabalho: "Durante anos, tenho procurado uma

forma de captar o quotidiano tal como é percebido num relance da rua. (...) Durante duas semanas e meia, caminhei por diferentes partes da cidade com a minha câmara e recolhi imagens para o filme." A apresentar em cópias digitas, em primeiras exposições na Cinemateca.

► Quarta-feira [15] 18h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 3 – UMA FORMA QUE PENSA

EINSCHLAFGESCHICHTEN: BRÜCKEN

"Histórias para Dormir: Pontes"

Alemanha, 1977 – 3 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

BILDER DER WELT UND INSCRIFT DES KRIEGES

"Imagens do Mundo e Epitáfios da Guerra"

de Harun Farocki

Alemanha, 1989 – 75 min / legendado em português

duração total da projeção: 78 minutos | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR CHRISTA BLÜMLINGER

No filme-ensaio "IMAGENS DO MUNDO E EPITÁFIOS DA GUERRA", a guerra é interpretada como regime perceptivo em que se procura ver sem ser visto. Farocki percorre a história da arte e a história da imagem técnica, do iluminismo à moderna tecnologia de guerra que recorre à imagem como instrumento de controlo ou policiamento do território, para levar a cabo uma inquirição sobre a diferentes formas de barbárie com recurso à imagem. "Esta progressão para a descoberta", escreveu Manuel Cintra Ferreira aquando da passagem do filme em 1990 na Cinemateca, "transforma BILDER DER WELT... numa verdadeira obra policial, num exercício fascinante a que não falta o *suspense*". A curta-metragem que introduz a sessão faz parte de um conjunto de filmes para crianças realizados por Farocki para a televisão alemã, cujo tema aqui são as pontes. A apresentar em cópias digitas, BRÜCKEN é mostrado pela primeira vez na Cinemateca.

► Quinta-feira [16] 18h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 4 – ANÁLISE DE ENQUADRAMENTOS

LEBEN-BRD

"Como Viver na Alemanha Ocidental"

de Harun Farocki

Alemanha, 1990 – 83 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR CHRISTA BLÜMLINGER

Harun Farocki constrói um retrato da Alemanha Ocidental recolhendo cenas e gestos em que a vida é ensaiada e aqueles que são filmados aparecem como atores da sua própria vida. Por toda a parte

sente-se o esforço permanente para "estar preparado para a emergência da realidade". Através de uma acumulação de situações do quotidiano, "COMO VIVER NA ALEMANHA OCIDENTAL" retrata uma sociedade em que ações como dar à luz, morrer, cuidar de outras pessoas, ou mesmo atravessar uma rua, são ensinados e aprendidos em instituições pensadas para o efeito. Uma explicitação de um modo de vida e uma crítica ao mundo e à sua representação. A apresentar em cópia digital, primeira exibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [17] 18h30 | Sala Luís de Pina

**PROGRAMA 5 – UM LABORATÓRIO DE EXPRESSÕES ICÓNICAS
ARBEITER VERLASSEN DIE FABRIK**

"Operários ao Sair da Fábrica"

DER AUSDRUCK DER HÄNDE

"A Expressão das Mãos"

IN-FORMATION

de Harun Farocki

Alemanha, 1995, 1997, 2005 – 36, 30, 16 min

duração total da projecção: 82 minutos / legendados em português | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR CHRISTA BLÜMLINGER

O filme dos irmãos Lumière é o ponto de partida para uma análise sobre a forma como a história do cinema abordou o tema dos trabalhadores que saem de uma fábrica, desde o nascimento do cinematógrafo até ao ano de ARBEITER VERLASSEN DIE FABRIK. Inicialmente empregue para transmitir emoções através de expressões faciais, depressa os cineastas começaram também a focar a sua atenção nas mãos, recorrendo ao grande plano. Montando excertos de filmes, em "A EXPRESSÃO DAS MÃOS" Farocki explora este motivo, o seu simbolismo e a sua musicalidade. IN-FORMATION utiliza pictogramas e diagramas de imigração na RFA para realizar uma crítica conceptual sobre os modos como o fenómeno é tratado, retraçando as origens anacrónicas destes ícones, e o discurso que subjaz a tal representação. A apresentar em cópias digitais, os dois últimos em primeira exibição na Cinemateca.



A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA

EM COLABORAÇÃO COM A FILMOTECA ESPAÑOLA E O TAINIOTHIKI TIS ELLADOS/GREEK FILM ARCHIVE

Grécia, Espanha e Portugal. Três países europeus unidos por uma história cindida, no século XX, por um "antes" e um "depois" do colapso dos respetivos regimes ditatoriais. Uma questão de corte – e uma questão de montagem – permite a união de experiências revolucionárias decorridas quase em simultâneo. Transições para a democracia que não aconteceram da noite para o dia, nem tão-pouco num vácuo. Puxa-se o filme para trás e para a frente, tentando dar conta dos fatores, nacionais e internacionais, que terão conduzido às quedas dos respetivos regimes autoritários – o regime dos coronéis, o franquismo e o salazarismo. As causas de um fim testemunhadas pelo cinema. Uma perspetiva pré-revolucionária aliada a uma prospetiva pós-revolucionária combinam-se nos filmes propostos, dando espaço à devida revisita histórica desse período de transição e de transformação, contemplando o "depois".

Envolvendo o então diretor da Cinemateca Portuguesa, José Manuel Costa, o presente Ciclo surgiu sob a forma de um repto lançado há cerca de três anos. Dessa semente germinou uma colaboração a várias mãos – e a vários olhares – que juntou Portugal, Espanha e Grécia num projeto comum. Aliaram-se, deste modo, à Cinemateca Portuguesa, a Filmoteca Espanhola e o Tainiothiki Tis Ellados (Cinemateca da Grécia). Esse Ciclo tripartido "viajou" primeiro pelos outros dois países até chegar, agora, no mês de Abril, à Cinemateca, mas em formato mais reduzido já que foi lhe retirada a componente portuguesa do programa por serem obras que têm sido presenças regulares na nossa programação. Os filmes portugueses então programados (OS VERDES ANOS, BOM POVO PORTUGUÊS, TRÁS-OS-MONTES, O SANGUE, RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, "NON" OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR, A COSTA DOS MURMÚRIOS) assinalavam a separação entre um cinema "antigo" e um cinema "novo", num país marcado pelo clima de repressão diária vivida em ditadura e pela chaga da Guerra Colonial, ferida aberta e ainda por sarar ao dia de hoje. Apesar ou por causa disso, também levantavam o véu sobre o país que saiu – e se reviu ao espelho – depois da Revolução.

Os títulos a apresentar agora dizem então apenas respeito às transições democráticas que tiveram lugar em Espanha por volta de 1975, ano da morte de Franco, e à data da queda da ditadura dos coronéis na Grécia, em 1974. A maioria destes filmes é exibido pela primeira vez nas nossas salas, cobrindo-se, assim, por via da ficção e também do documentário, o período anterior e posterior à queda das respetivas ditaduras. Trata-se de um lote de filmes em modo de retrato conjunto de diferentes gerações de cineastas que ajudaram a edificar todo um novo cinema sob o efeito dos traumas do passado grego e espanhol. Paralelamente à descoberta destes filmes espanhóis e gregos, permitimos ainda a revisita do período revolucionário português num ciclo contíguo a este e apresentado também no contexto "abrilista" da nossa programação, "A Enxada É de Toda a Gente", dedicado à obra de Thomas Harlan rodada na herdade de Torre Bela em pleno PREC. Talvez a proposta global dos dois ciclos também traduza um esforço de (re) visita da nossa História pelo olhar dos nossos semelhantes. E, deste modo, de se abrir mais o espaço ao novo e ao diferente.

► Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Segunda-feira [20] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROSOPO ME PROSOPO

"Face a face"

de Roviros Manthoulis

com Costas Messaris, Eleni Stavropoulou, Theano Ioannidou

Grécia, 1966 – 84 min / Legendado eletronicamente em português | M/12

**SESSÃO DE DIA 17 COM APRESENTAÇÃO POR MARIA KOMNINOS
(GREEK FILM ARCHIVE)**

Considerado o primeiro filme do cinema novo grego, PROSOPO ME PROSOPO é um filme provocador sobre um pobre professor de inglês e o seu *flirt* constante com mãe e filha de uma família abastada a viver em Atenas. A cidade é retratada na sua rápida modernização, algo que contrasta com o estado de espírito melancólico do protagonista. O estilo godardiano bastante inovador para o seu tempo, o *ennui* do protagonista e o facto de ter feito refletir sobre a urbanização e modernização crescente da cidade permitem a comparação desta primeira longa-metragem de Roviros Manthoulis com OS VERDES ANOS de Paulo Rocha. Primeira passagem na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

► Sábado [18] 17h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O THIASOS

"A Viagem dos Comediantes"

de Theo Angelopoulos

com Eva Kotamanidou, Aliki Georgouli, Stratos Pachis, Maria Vassiliou, Vangelis Kazan

Grécia, 1975 – 230 min / Legendas em inglês e eletronicamente em português | M/12

A sessão decorre com um intervalo de 10 minutos

Um filme-fresco sobre a história da Grécia de 1939 a 1952 vista através do percurso de uma companhia de teatro ambulante que percorre o país representando sempre a mesma peça. Organizando-se em quadros relativamente independentes comentados por monólogos, *slogans* ou por canções, O THIASOS revela a tragédia grega segundo um olhar brechtiano tão característico do cinema de Angelopoulos. Prémio da crítica no Festival de Cannes de 1975, o filme que fez circular o nome do cineasta pelo mundo inteiro é para muitos a sua obra-prima. A exibir em 35 mm.

- **Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Terça-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

CRÍA CUERVOS

Cria Corvos

de Carlos Saura

com Geraldine Chaplin, Ana Torrent, Conchita Pérez, Mayte Sanchez

Espanha, 1975 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 18 COM APRESENTAÇÃO POR CARLOS REVIRIEGO (FILMOTECA ESPAÑOLA)

Rodado ainda no franquismo (durante a longa agonia do ditador), CRÍA CUERVOS marca o fim de um importante período na obra de Carlos Saura, altura em que provavelmente realizou os seus melhores filmes. O título faz alusão a um provérbio espanhol: “Cria corvos e eles arrancar-te-ão os olhos”. A ação passa-se num casarão em Madrid, onde vivem três crianças, com o pai viúvo, uma criada e uma tia. Uma delas (Ana Torrent, a protagonista de EL ESPIRITU DE LA COLMENA), fechada num universo de sonho, julga-se responsável pela morte do pai e faz reaparecer a sua mãe morta, com quem mantém uma estranha relação. Mas este filme mórbido e belíssimo acaba com uma nota de otimismo. A exhibir em 35 mm.

- **Segunda-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Segunda-feira [27] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

LOS SANTOS INOCENTES

de Mario Camus

com Alfredo Landa, Terele Pávez, Belén Ballesteros, Francisco Rabal

Espanha, 1984 – 107 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado num romance homónimo de Miguel Delibes, LOS SANTOS INOCENTES é um drama rural sobre a duríssima vida que uma família de agricultores leva na Espanha profunda durante os anos 60. Os problemas da fome, do trabalho infantil e do desemprego trespassam este drama que foi produzido no período de transição para a democracia. Eleito pelos críticos espanhóis como um dos dez melhores filmes do seu país, marcou a produção cinematográfica europeia no ano de 1984, tendo este título de Mario Camus, realizador pouco conhecido em Portugal, mas que trabalhou com Carlos Saura nos anos 60 na qualidade de argumentista, obtido várias distinções internacionais relevantes, nomeadamente no Festival de Cannes. Além de nomeado para a Palma de Ouro, foi agraciado com o Prémio de Melhor Ator, graças à interpretação de Francisco Rabal na pele do algo excêntrico Azarías. A exhibir em cópia digital.

- **Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Quinta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina**

TIGRES DE PAPEL

de Fernando Colomo

com Miguel Arribas, Carmen Maura, Joaquín Hinojosa

Espanha, 1977 – 93 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizador e argumentista madrileno com uma obra significativa, contando ao dia de hoje com mais de quatro dezenas de filmes, Fernando Colomo revela-se, verdadeiramente, nesta sua primeira longa-metragem, obra fundamental do período de transição para a democracia. Com Carmen Maura em destaque no elenco, TIGRES DE PAPEL inaugura a chamada “comédia madrilena”. Uma obra imersa no seu tempo que retrata o modo como a sociedade, por vezes de maneira intempestiva ou “desajeitada”, recebia e abraçava as novas liberdades alcançadas com o fim do franquismo. Primeira passagem na Cinemateca, a exhibir em 35 mm..



CRÍA CUERVOS



EVDOKIA

- **Terça-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

EVDOKIA

de Alexis Damianos

com Maria Vassiliou, Giorgos Koutouzis, Koula Agagiotou

Grécia, 1971 – 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um retrato que expõe as fragilidades de uma sociedade regida pela disciplina militar e uma sexualidade reprimida. O país, ainda debaixo do jugo da junta miliar, era deste modo visado pelo realizador Alexis Damianos, ao tempo também com um trabalho significativo como ator do cinema grego. Maria Vassiliou interpreta uma prostituta que se casa com um militar, relacionamento tempestuoso que está no centro deste filme emblemático do período pré-revolucionário. Primeira passagem na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- **Quarta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina**

HAPPY DAY

“Dia Feliz”

de Pantelis Voulgaris

com Maria Vassiliou, Giorgos Koutouzis, Koula Agagiotou

Grécia, 1976 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filme pós-revolucionário ambientado num campo de concentração, localizado numa ilha inóspita, em que um grupo de prisioneiros políticos prepara uma visita. Com contornos de alegoria distópica, é um importante e doloroso retrato da situação daqueles que resistiram ao regime da junta militar grega. Pantelis Voulgaris, nome importante do moderno cinema grego, enfrentou uma significativa controvérsia aquando do lançamento deste seu filme que “aborda o seu assunto com uma visão fortemente neorrealista e humanista” (Maria Komninos). Primeira passagem na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- **Quarta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Sexta-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

CANCIONES PARA DESPUÉS DE UNA GUERRA

“Canções para Depois de uma Guerra”

de Basilio Martín Patino

com Celia Gámez, Imperio Argentina, Miguel de Molina

Espanha, 1971 – 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Inicialmente banido pelo regime no início dos anos 70, este filme de Basilio Martín Patino só foi exibido publicamente após a morte do ditador Franco. Trata-se de um documentário que, num exercício de montagem virtuoso, põe em confronto músicas populares da era franquista com imagens extraídas do arquivo “oficial”, reapropriando-as e resignificando-as. Contou com a colaboração da cantora Imperio Argentina. A exhibir em cópia digital restaurada pela FilMOTECA Española.

- **Quinta-feira [23] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Terça-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MAVRO + ASPRO

“Preto + Branco”

de Thanassis Rentzis, Nikos Zervos

com Yorgos Tsemberopoulos, Vicky Potamianou, Haris Ioannou

Grécia, 1973 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um retrato de artistas enquanto jovens, numa altura particularmente quente na história da Grécia: um rapaz chamado Kostas deixa Tessalónica e parte para Atenas para estudar numa escola de Belas-Artes. Mas uma revolta estudantil no Politécnico de Atenas, uma violenta manifestação anti junta, ameaça interromper e até comprometer o sonho do protagonista. Obra de natureza semi-documental perfeitamente imersa no seu tempo, enfrentando o estado das coisas de uma maneira extremamente desassombrada. Primeira passagem na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.



CANCIONES PARA DESPUÉS DE UNA GUERRA

- **Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
- **Quarta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

EL CRIMEN DE CUENCA

de Pilar Miró

com Amparo Soler Leal, Héctor Alterio, Daniel Dicenta

Espanha, 1980 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Baseado numa história real de extrema violência, sobre dois amigos torturados pela Guarda Civil e forçados a confessar terem cometido um crime que, na realidade, não cometeram, EL CRIMEN DE CUENCA foi uma obra que agitou consciências no período de consolidação da democracia, após a morte de Franco. Realizado por uma mulher, Pilar Miró, que foi diretora da RTVE entre 1986 e 1989, o filme foi confiscado por alegadamente ferir o bom nome da Guarda Civil – uma censura que tem lugar após o fim da ditadura. Quando foi finalmente exibido, tornou-se um sucesso de público extraordinário, provando a necessidade de se alargar a liberdade de expressão e de se deixar para trás os maus hábitos enrustados na sociedade espanhola pelo regime anterior. A exhibir em cópia digital.

- **Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina**
- **Quarta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina**

I PROTI EIKONA

“A Primeira Imagem”

de Olia Verriopoulou

com Konstantinos Vourloumis, Maia Mikeli, Christos Plainis

Grécia, 2025 – 25 min

MIA ZOI SE THYMAMAI NA FEVGEIS

“Lembro-me de te Ires Embora o Tempo Todo”

de Frieda Liappa

com Dimitris Poulikakos, Nena Menti, Betty Arvaniti

Grécia, 1977 – 45 min

duração total da projeção: 70 min

Legendados eletronicamente em português | M/12

O filme de Frieda Liappa é uma média-metragem sobre o relacionamento de uma jornalista de esquerda com um antigo actor de teatro. Inspirado pela música de Dimitris Mitropanos, onde a realizadora foi buscar o título do filme, trata-se de um retrato da situação vivida na Grécia no ano de 1977, durante o período de transição democrática que se seguiu à queda da junta militar. Liappa esteve presa durante o regime ditatorial dos generais, sendo o seu primeiro filme, META 40 MERES, sobre um soldado que vagueia pelas ruas de Atenas, dois anos antes do fim da junta. A abrir a sessão, uma curta-metragem de ficção de uma jovem realizadora situada nos primeiros tempos da ditadura militar. O pequeno Loukas sente-se sufocado no apartamento da família, do qual está proibido de sair. Inventa então um novo jogo que o liga ao mundo exterior: atender o telefone. Mas a linha telefónica da casa acaba por se misturar com a do cinema local. Primeiras passagens na Cinemateca, a exhibir em cópias digitais.



MIA ZOI SE THYMAMAI NA FEVGEIS

A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’

“Qual o valor da tua ferramenta?” pergunta, exasperado, um dos membros da cooperativa Torre Bela a um dos camponeses. “Tudo isto é da cooperativa, não é meu, nem teu, nem deste, é de todo o mundo!” O agricultor responde que cada um tem a sua enxada, aquela comprou-a ele e não é de mais ninguém – “Eu é que trabalho com ela! Qualquer dia tudo o que eu compro fica a ser da cooperativa...” “Mas é exatamente essa a nossa finalidade! Que no final todos fiquemos com mais do que tínhamos, que todos fiquem com tudo! Só assim é que isto vai para a frente e ninguém pode travar este processo!”

Para o bem e para o mal, os três minutos da “cena da enxada” em TORRE BELA tornaram-se numa condensação quase burlesca do que foram os anos do Processo Revolucionário Em Curso, com o seu misto de utopia e pragmatismo. Essa cena, cujo diálogo integrou os bordões populares e o imaginário de várias gerações, pertence àquele que é, para todos os efeitos, o filme mais complexo que alguém realizou durante o PREC. Para isso muito contribuiu o olhar exterior de Thomas Harlan, cineasta alemão, que aí se estreava como realizador.

Harlan, filho de Veit Harlan (um dos mais importantes – e infames – realizadores do regime nazi), havia experimentado a poesia e o teatro, como dramaturgo, mas, na década de sessenta, dedicou-se inteiramente à investigação dos crimes perpetrados pelos nazis nos campos de concentração polacos, um trabalho que levaria à condenação de mais de 2 mil criminosos de guerra – a revelação de documentação secreta levaria a uma acusação de traição, na Alemanha, ficando Harlan sem passaporte e impedido de entrar na República Federal Alemã por dez anos. Refugiou-se em Itália onde aderiu à organização de esquerda radical Lotta Continua (onde terá conhecido Pier Paolo Pasolini). Quando, no início dos anos 70, recupera o seu passaporte, viaja um pouco por todo o mundo revolucionário (Chile, Bolívia, Estados Unidos da América), culminando o seu périplo em Portugal, em pleno PREC. O seu interesse recai na luta dos camponeses da zona da Azambuja. Diante de uma enorme propriedade com vastos hectares de terra inculta, pertença do Duque de Lafões, o realizador (juntamente com os militares do MFA) incita as gentes a ocuparem as terras e a coletivizarem-se – como se ouve, a dada altura, “vocês ocupam e a lei há-de vir”. A 23 de abril de 1975 os camponeses invadem os terrenos e os palacetes e Harlan está lá para os filmar – a entrada dos agricultores na casa senhorial é outra das cenas de antologia do filme. O resultado foi a constituição da Cooperativa Agrícola Popular da Torre Bela que geriu as terras durante três anos, período após o qual estas foram restituídas à família dos duques.

Como afirmaram os próprios camponeses, no 1.º aniversário da ocupação: “Nós, os trabalhadores da Torre Bela, estamos em luta contra o feudalismo, o capitalismo, a burguesia latifundiária e os nossos próprios defeitos.” Thomas Harlan quis retratar todo este processo de múltiplas contradições e ambivalências (produzindo o filme de forma igualmente contraditória e ambivalente) e TORRE BELA é o exemplo acabado daquilo que pode ser um cinema militante verdadeiramente dialético, onde a tese e a antítese convivem e produzem um olhar denso e irresolúvel sobre a realidade. Como escreveu Serge Daney, TORRE BELA é “um documento extraordinário”, acrescentado que se trata de um “dos raros ‘bons filmes militantes’”. Foi preciso esperar que as palavras de ordem e os *slogans* deixassem de tranquilizar para que as imagens, por fim, chegassem.” Mais, “difícilmente teremos visto uma outra coletividade, na sua singularidade, ela própria constituída de singularidades, construir-se e desconstruir-se, envolta num processo político no qual ela é a verdade cega, o ponto de utopia.”

Cinquenta anos depois, a Cinemateca Portuguesa, juntamente com a Cinemateca de Munique, conclui um longo processo de fixação e restauro da versão final definida por Thomas Harlan no seu fim de vida (ao longo dos anos o realizador montou e remontou obsessivamente o filme), que será editada em DVD numa edição conjunta das duas instituições. Assim, entre 20 e 24 de abril, apresentamos um programa concentrado em torno deste filme paradigmático, onde exibiremos a nova cópia digital do filme (assim como uma versão alternativa, mais longa, em 16mm), apresentaremos outros filmes de Thomas Harlan, documentários realizados sobre Harlan e a rodagem do filme em Portugal, assim como outros filmes e reportagens igualmente rodados na herdade da Torre Bela. A juntar a isso, organizam-se três conversas com especialistas na obra e na figura de Thomas Harlan: o seu filho, Chester Harlan, Stefan Drössler, o diretor do Filmmuseum de Munique, o montador do filme Roberto Perpignani, o historiador e realizador José Filipe Costa, o anterior diretor da Cinemateca José Manuel Costa (que entrevistou Harlan e investigou profundamente a genealogia do filme) e o realizador e conservador Manuel Mozos (que realizou os extras da edição de DVD).

► Segunda-feira [20] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TORRE BELA (VERSÃO FINAL)

de Thomas Harlan

Portugal, República Federal da Alemanha, Liechtenstein, 1977 – 112 min
legendado em inglês | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Possivelmente o mais icónico título da “filmografia de abril”, onde se seguem os acontecimentos da ocupação da herdade ribatejana pertencente ao Duque de Lafões por camponeses das regiões circundantes. Não deixando de intervir, mas não lhes sobrepondo qualquer comentário “off”, o realizador Thomas Harlan dá-nos a curva histórica do movimento de ocupação e da sua relação com os militares do MFA, desde os gestos iniciais de revolta até ao declínio, passando pela organização da cooperativa e pelos primeiros sinais de contradições internas. Após uma montagem muito mais longa que não chegou a ter verdadeira divulgação pública, o filme foi estreado em Cannes em 1977 com duração equivalente à que é agora apresentada, e foi depois objeto de sucessivas remontagens feitas pelo próprio realizador, algumas com duração bastante inferior. Apresenta-se a cópia digital da versão que, no final da vida, foi caucionada pelo realizador, e que será editada em DVD pela Cinemateca Portuguesa e pelo Filmmuseum de Munique. A exhibir na nova cópia digital restaurada.

► Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

WUNDKANAL

de Thomas Harlan

com Alfred Filbert, Robert Kramer, Heike Geschonneck, Rolf Niffuag

República Federal da Alemanha, França, 1984 – 107 min
legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO POR CHESTER HARLAN

Um filme “monstruoso”, nas palavras do próprio Thomas Harlan.

Um homem de 80 anos chamado Filbert é raptado por um terrorista de esquerda. Quem é ele? O filme encena um interrogatório onde se revela que Filbert (interpretado pelo próprio Alfred Filbert) é antigo líder das SS e foi responsável pela morte de mais de 11 mil judeus e, além disso, promoveu uma técnica de eliminação de presos políticos: o suicídio manipulado. Filbert tinha sido libertado da prisão em 1977 e Harlan (por causa das suas relações familiares – o seu pai, Veit Harlan, foi o mais importante cineasta do regime nazi) encontrou-o e convenceu-o a participar num filme onde a ficção e o facto se misturam. WUNDKANAL é, simultaneamente, o julgamento e a expiação deste homem e dos homens como ele. Um filme onde a verdade é construída, desconstruída e reconstruída, onde a compaixão e o asco se confundem. A exhibir em diálogo com UNSER NAZI, de Robert Kramer, documentário sobre a rodagem deste filme. Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

► Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CINÉMATON N. 598: THOMAS HARLAN

de Gérard Courant

França, 1985 – 3 min

UNSER NAZI

“O Nosso Nazi”

de Robert Kramer

França, República Federal da Alemanha, 1984 – 116 min

Duração total da projeção: 119 min

legendados eletronicamente em português | M/16

Robert Kramer e Thomas Harlan já se conheciam, mas foi a experiência do PREC que os aproximou. Enquanto o primeiro fez SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL, o segundo fez TORRE BELA. Uma década depois voltam a produzir uma dupla de filmes siameses. Harlan desafiou Kramer a participar em WUNDKANAL como o seu *alter ego*. Em contrapartida, Kramer vampirizou



aquela rodagem para, com a sua câmara de vídeo, construir o retrato de um cineasta conturbado. A partir de mais de 80 horas de filmagens, Robert Kramer fez de “O Nosso Nazi” um objeto de análise, onde confronta Thomas Harlan com o desejo de expiação da culpa que sente face ao envolvimento do seu pai com o regime nazi – recorde-se que Veit Harlan realizou um dos filmes mais ardilosamente abjetos da história do cinema, “O Judeu Süß”. A sessão abre com um dos retratos silenciosos de Gérard Courant, rodado no verão de 1985, em Paris. Primeiras apresentações na Cinemateca, a exhibir em cópias digitais.

► Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THOMAS HARLAN – WANDERSPLITTER DER FILM ‘TORRE BELA’

filmes de Christoph Hübner

Alemanha, 2006, 2007 – 96, 37 min

Duração total da projeção: 133 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Aos 77 anos, Thomas Harlan vivia num lar, no sul da Alemanha, num quarto com vista para os Alpes. A idade e os problemas respiratórios tornaram-no frágil. Christoph Hübner visitou-o e fez desse convívio um filme. THOMAS HARLAN – WANDERSPLITTER (“estilhaço em movimento”) é uma longa entrevista onde o realizador (que, feitas as contas, assinou apenas três longas-metragens) tem rédea solta para contar, lembrar, imaginar, mitificar e especular. Ainda em criança conheceu Hitler, através do seu pai (o realizador de propaganda Veit Harlan), já em adulto conviveu com Gilles Deleuze e Klaus Kinski, escreveu poesia, peças de teatro e romances, foi cineasta militante, ativista político, historiador e “caçador de nazis” (o seu trabalho conseguiu condenar mais de dois mil militares criminosos). A fechar, exhibe-se uma parte da entrevista, especificamente sobre a produção de TORRE BELA, que não foi incluída na montagem final do documentário. Primeiras apresentações na Cinemateca, a exhibir em cópias digitais.

► Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TORRE BELA (VERSÃO DE 1978 PARA DISTRIBUIÇÃO NOS EUA)
de Thomas Harlan

Portugal, República Federal da Alemanha, Liechtenstein, 1977 – 138 min | M/12

Thomas Harlan foi um dos muitos estrangeiros que vieram filmar a revolução em Portugal. De 1977, o seu TORRE BELA é um dos mais míticos títulos do cinema militante do período revolucionário. Quando se concluíram os trabalhos de restauro e digitalização deste filme (que culminam na sua edição em DVD, feita em conjunto entre a Cinemateca Portuguesa e a Cinemateca de Munique), é possível agora perceber (ou delinear) a complexa genealogia de um filme que tem mais de uma dezena de versões. Há cerca de uma década os materiais de origem foram depositados no nosso país e, a partir do seu estudo, foi possível identificar os negativos (em 16mm) correspondentes à versão que Harlan preparou para a difusão nos EUA em 1978, com duração de 136 minutos (24 minutos mais longa). Embora não seja a versão que o realizador procurou fixar nos últimos anos de vida, é bastante reveladora da história das mutações do filme, mas também do material que foi retirado da montagem final. A exibir em cópia de 16mm.

► Quinta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TORRE BELA - TRAILER
de Thomas Harlan

Portugal, República Federal da Alemanha, Liechtenstein, França, 1979 – 7 min

VIRIDIANA

Viridiana

de Luis Buñuel

com Sílvia Pinal, Fernando Rey, Francisco Rabal

Espanha, México, 1961 – 90 min

Duração total da projeção: 97 min | legendas em português | M/12

Buñuel estava há mais de vinte anos radicado no México, quando foi, com alguma pompa, convidado para voltar a filmar em Espanha. Quem se lembrou da brilhante ideia (Gustavo Alatríste) depressa se arrependeu. Buñuel foi ao mais fundo e mais provocatório do seu anticlericalismo e fez de VIRIDIANA uma ferocíssima sátira ao catolicismo e à sua presença na sociedade espanhola (acabando condenado pelo Papa João XXIII por blasfémia e indecência). Para grande embaraço do governo, o filme ganhou a Palma de Ouro em Cannes. O Diretor Geral da Cinematografia foi posto na rua e Franco tentou proibir que a obra fosse estreada na Europa (em Espanha e Portugal foi, naturalmente, proibida). Em diálogo com TORRE BELA o filme antecipa, alegoricamente, as questões da luta de classes, da propriedade, da ocupação e da coletivização. A abrir a sessão, apresenta-se (pela primeira vez) um longo *trailer* produzido para a distribuição de TORRE BELA.

VIAGEM AO FIM DO MUDO

A viagem ao fim do mudo prossegue com mais três etapas, desta vez todas europeias. A "RUA SEM SOL" de G.W. Pabst, um dos grandes momentos do seu autor e também o último filme europeu de Greta Garbo; um ícone do "germanismo", SCHATTEN, espécie de súmula de várias vanguardas do cinema alemão dos anos 20, e uma reflexão sobre o próprio cinema enquanto bailado de sombras; e um filme francês, L'INHUMAINE, muito famoso no seu tempo mas depois bastante esquecido (à imagem do seu autor, Marcel L'Herbier), que entre outras coisas apresenta um espantoso trabalho cenográfico que se tornou também uma cápsula dos movimentos artísticos do seu tempo.

► Sábado [11] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DIE FREUDLOSE GASSE

Rua Sem Sol

de G. W. Pabst

com Greta Garbo, Asta Nielsen, Werner Krauss, Valeska Gert

Alemanha, 1925 – 96 min / mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Pabst concebeu DIE FREUDLOSE GASSE (literalmente "A Rua sem Alegria") como um olhar sobre a Viena dos anos posteriores à Primeira Guerra, marcada por enormes dificuldades económicas e sociais e território propício para todo o tipo de oportunistas e vigaristas. É nestas "ruas sem sol" que Greta Garbo brilha, mesmo não sendo cabeça de cartaz, lugar que coube à vedeta dinamarquesa Asta Nielsen. Mas foi depois do filme de Pabst que Garbo seguiu para Hollywood, onde, cinco anos mais tarde, se lhe juntou uma figurante chamada Marlene Dietrich... À época, o filme

► Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ENTREVISTA A THOMAS HARLAN

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 1998-2026 – 17 min / legendado eletronicamente em português

LINHA VERMELHA

de José Filipe Costa

Portugal, 2012 – 90 min

Duração total da projeção: 107 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO POR JOSÉ FILIPE COSTA

Na sua primeira longa-metragem, OUTRO PAÍS, Sérgio Tréfaut entrevistou uma série de realizadores e fotógrafos que participaram e registaram o 25 de Abril e os anos do PREC. Entre eles estava Thomas Harlan. Propositadamente para esta sessão, o realizador regressou aos brutos desse filme, autonomizando essa entrevista, como já o havia feito com Robert Kramer. A sessão prossegue com LINHA VERMELHA, o documentário que José Filipe Costa dedicou à forma como Harlan fixou e dramatizou a ocupação da herdade da Torre Bela. O realizador revisita esse momento emblemático do período revolucionário português e questiona-se: de que maneira Harlan interveio nos acontecimentos? Qual foi o impacto do filme na vida dos ocupantes e nas memórias desse período? LINHA VERMELHA resulta de um estudo de caso feito no âmbito da investigação de doutoramento de José Filipe Costa sobre o cinema português e o PREC.

► Sexta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

OCUPAÇÃO DA QUINTA DA TORRE BELA
de RTP

Portugal, 1975 – 7 min

COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA

de Cinequanon (Luís Galvão Teles)

Portugal, 1975 – 50 min

TORRE BELA (UMA COOPERATIVA POPULAR)

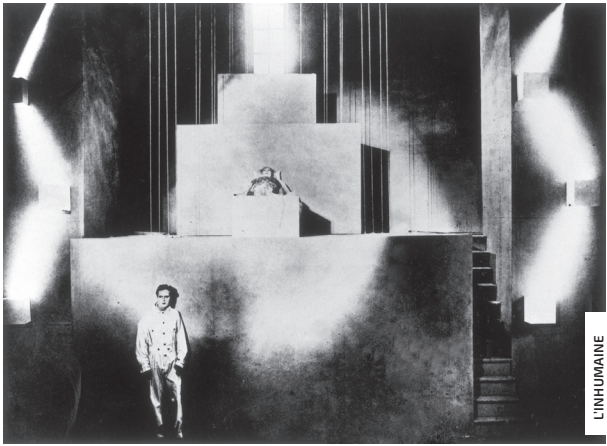
de Vítor Silva

Portugal, 1975 – 49 min

Duração total da projeção: 106 min | M/12

**SESSÃO COM APRESENTAÇÃO POR
LUÍS GALVÃO TELES E FERNANDA MORAIS**

O caso da herdade da Torre Bela, na Azambuja, não atraiu apenas o interesse de Thomas Harlan. Após a ocupação, a 23 de abril de 1975, os camponeses coletivizaram-se e iniciaram uma gestão da propriedade que visava dar emprego a muitos dos trabalhadores com maiores dificuldades, a oferecer serviços essenciais aos cooperantes (escola, creche, consultas médicas)



sofreu diversos tipos de censura: cerca de 12 minutos de cortes, na Alemanha; supressão de todas as cenas com Werner Krauss na Áustria; na URSS o médico tornou-se um tenente americano e nos Estados Unidos quase todas as cenas com Asta Nielsen foram suprimidas.

► Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SCHATTEN

Sombras

de Arthur Robison

com Alexander Granach, Fritz Kortner, Rudolf Klein-Rogge

Alemanha, 1923 – 90 min / mudo, sem intertítulos | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Em SCHATTEN, como observou Georges Sadoul, "misturam-se o teatro, o Kammerspiel e o Expressionismo", ou seja, algumas das principais tendências do cinema alemão dos anos vinte do século XX, decididamente ligado às artes da vanguarda, mesmo em filmes destinados ao grande público. Como tantas vezes sucede em "filmes Kammerspiel", não há intertítulos e a ação é contínua, concentrada num cenário único e numa única noite. Esta tem lugar

e explorar áreas da herdade que tinham ficado propositadamente incultas. Durante o Verão Quente, vários foram os realizadores que filmaram esta ocupação. Os repórteres do *Noticiário Nacional* da RTP visitaram a herdade no início de maio, os elementos da produtora Cinequanon (liderados por Luís Galvão Teles) filmaram as valências e os conflitos da cooperativa para o programa *Das Artes e Ofícios* e o importante realizador amador Vítor Silva (e posteriormente funcionário da Cinemateca), com a sua câmara de Super 8mm, passou mais de três meses na propriedade junto dos camponeses, tendo daí resultado um filme cuja montagem e banda sonora só viriam a ser concluídas anos depois, em vídeo. Primeiras apresentações na Cinemateca, todas em cópias digitais.

CONVERSAS

► Terça-feira [21] 17h30 | Sala Luís de Pina

CONVERSA SOBRE THOMAS HARLAN

com Stefan Drössler e Chester Harlan

A decorrer em inglês, sem tradução

Duração: 1h

► Quarta-feira [22] 17h30 | Sala Luís de Pina

CONVERSA SOBRE A MONTAGEM DE 'TORRE BELA'

com Roberto Perpignani e José Manuel Costa

A decorrer em português e italiano, sem tradução

Duração: 1h30

► Sexta-feira [24] 17h30 | Sala Luís de Pina

CONVERSA SOBRE A PRODUÇÃO DE 'TORRE BELA'

com José Filipe Costa e Manuel Mozos

Duração: 1h30

durante um jantar oferecido por um aristocrata e a sua mulher, na presença de quatro pretendentes dela. Um "mostrador de sombras" fá-los ver o que pode acontecer se os pretendentes não deixarem de cortejar a mulher, confrontando-os por hipnose com os seus sentimentos mais calados. A digressão entre realidade e ilusão do portentoso chiaroscuro de SCHATTEN parte assim da encenação de uma projeção, em que a intimidade dos sentimentos convive com a pulsão erótica mas também com a sinalização da luta de classes de que a casa é palco.

► Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'INHUMAINE

A Desumana

de Marcel L'Herbier

com Georgette Leblanc, Jaque Catelain, Marcelle Pradot,

Philippe Hériat, Kiki de Montparnasse

França, 1924 – 122 min / legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

A estrela de Marcel L'Herbier empalideceu depois, mas no período final do mudo ele foi um dos nomes mais célebres e respeitados do cinema francês. L'INHUMAINE, "uma história féérica" sobre uma cantora de coração empedernido que despreza todos os homens que se apaixonam por ela (daí, "a desumana"), é um exemplo exuberante do alinhamento do cinema com as artes de vanguarda durante os anos 20. L'Herbier pensou o filme como um "preâmbulo" à grande exposição de Paris em 1925 que imortalizou a Art Déco, e confiou a concepção dos cenários e dos adereços à fina flor das artes da época: Fernand Léger, Robert Mallet-Stevens, René Lalique, entre vários outros. Para uma cena de espetáculo num teatro, entre os figurantes na plateia constam Pablo Picasso, Ezra Pound, James Joyce, Erik Satie...

PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”

Patrícia Saramago (1975-2025), nascida em Lisboa após a revolução de Abril, deixou-nos inesperadamente cedo, saudades, um círculo de amigos e camaradas de trabalho, o filme que a apresentaria oficialmente como realizadora aos 50 anos, registos filmados inéditos, uma importante filmografia na montagem, que foi a sua área de trabalho essencial no cinema.

O rigor e a sensibilidade são referências transversais a muitos dos cineastas que trabalharam com Patrícia, podendo acrescentar-se a qualidade da atenção de espectadora. A sala de cinema e a sala de montagem foram lugares importantes na sua vida, e se DOIS E UM GATO (Sopro Filmes, 2026) é uma primeira obra póstuma, convém lembrar que, na imagem e realização, Patrícia começou muito antes, na sala de espetáculos da companhia de teatro Casa Conveniente, ao Cais do Sodré, em Lisboa.

Também assistente, anotadora e atriz ocasional de cineastas com quem manteve uma relação próxima, Patrícia Saramago fez a Escola Superior de Teatro e Cinema, onde ingressou em 1993, e principiou o trabalho na montagem em filmes de 1997, colaborando, nos finais dessa década, com Alberto Seixas Santos, Fátima Ribeiro, Joaquim Leitão, Leonel Vieira, Luís Fonseca, Manuel Mozos, Marco Martins ou Miguel Seabra Lopes. Assumiu responsabilidade crescente nas produções do ano 2000 ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA de Jorge Silva Melo (como assistente de Teresa Font e Irene Blecua), NO QUARTO DA VANDA de Pedro Costa (assistindo Dominique Auvray) e FRÁGIL COMO O MUNDO de Rita Azevedo Gomes, cuja montagem coassinou com a realizadora, num primeiro momento de destaque do seu trabalho. Rita Azevedo Gomes, Pedro Costa e Lila Brahimi são três nomes recorrentes da ampla, variada, relevante, filmografia como montadora, cujas últimas de cerca de noventa entradas indicam trabalhos de 2024-25 com Brahimi, Ana Perez-Quiroga, Sabrina D. Marques e Maureen Fazendeiro.

Menos conhecido é o já referido trabalho continuado que desenvolveu com as companhias de teatro Companhia Maior e, sobretudo, A Casa Conveniente, acompanhando os processos de preparação, encenação e registo de espetáculos de Mónica Calle. Filmou, experimentou incessantemente versões de montagem de algum desse material, dando a parte dele uma forma mais acabada. Sem nunca terem sido apresentados em sala, são trabalhos que antecedem a realização de DOIS E UM GATO. “Fazer e refazer é o dia a dia numa sala de montagem [...]. Quando faço essas primeiras experiências de montagem tenho sempre em conta que o realizador estará preso de alguma maneira ao seu material, ao seu ideal (uns mais, outros menos), não é boa ideia tomar decisões radicais nesse primeiro gesto — tirar totalmente a cena número três, por exemplo — porque o que é importante é que o realizador encontre em si mesmo o fio condutor que o liga ao projeto desde há anos e anos (às vezes décadas, mesmo).” São palavras de Patrícia Saramago, quando esteve em Curitiba, no Brasil em 2017 (Mostra Ficção Viva Pedro Costa & Víctor Erice), numa oficina de montagem em que partilhou o gosto do ofício.

► Segunda-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHUVA

de Luís Fonseca
com Ana Brandão, Mónica Calle, Ricardo Aibéo
Portugal, 1999 – 15 min

INFERNO (VALE DE JUDEUS)

de Patrícia Saramago
com Mónica Garnel, René Vidal, Mário Fernandes
Portugal, 2010 – 18 min

A ÚLTIMA GRAVAÇÃO

de Patrícia Saramago
com Mónica Calle, Mónica Garnel,
Ana Ribeiro, Amândio Pinheiro

Portugal, 2007 – 28 min
legendado em francês em alguns diálogos (em português)
duração total da projeção: 61 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA
COM MÓNICA CALLE, LUÍS FONSECA

CHUVA, a curta-metragem de ficção de Luís Fonseca que estreou no Festival de Veneza de 1999, junta duas mulheres numa casa de paredes verdes ao abrigo da chuva que cai no exterior enquanto lembram um momento feliz das suas vidas. Foi um dos primeiros trabalhos de montagem de Patrícia Saramago (a apresentar no DCP resultante da digitalização recente). Seguem-se dois títulos do lote de registos filmados por Patrícia com a Casa Conveniente e que, excetuando material incluído nos espetáculos da companhia, nos seus trailers, ou publicado na Internet, ficou inédito em sala. INFERNO (VALE DE JUDEUS) é um excerto do segmento que integrou o espetáculo encenado por Mónica Calle em 2010: mostra duplas de actores (a mesma atriz, atores diferentes), dirigidos fora de campo, em grandes planos dos rostos no estabelecimento prisional de Vale de Judeus, onde a Casa Conveniente desenvolveu um importante projeto. Filmado no espaço do antigo bar transformado em teatro onde a companhia esteve instalada nos anos em que habitou o Cais do Sodré, A ÚLTIMA GRAVAÇÃO parte do espetáculo “Um Dia Virá”, também encenado por Calle a partir de textos de Samuel Beckett em 2007, e assume a forma mais acabada de filme. São apresentados no material digital existente, de qualidade precária a partir do vídeo original. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FRÁGIL COMO O MUNDO

de Rita Azevedo Gomes
com Maria Gonçalves, Bruno Terra, Sophie Balabanian,
Manuela de Freitas, Duarte de Almeida

Portugal, 2000 – 90 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM RITA AZEVEDO GOMES,
A CONFIRMAR

Com título e epígrafe colhidos num poema de Sophia de Mello Breyner, FRÁGIL COMO O MUNDO foi a segunda longa-metragem de Rita Azevedo Gomes. Um universo poético muito pessoal, filmado num preto-e-branco austero e sempre rigorosamente composto (fotografia de Acácio de Almeida), para uma história que é um pouco como o encontro dos magoados adolescentes dos filmes de Nicholas Ray com o lirismo sanguíneo de Werner Schroeter. Foi o primeiro trabalho de Patrícia Saramago com Rita Azevedo Gomes, de quem foi montadora, assistente e atriz (com protagonismo em ALTAR) até A PORTUGUESA. “A montagem é o discurso. É quando se decide o que aparece primeiro, o que desconstrói a aparência de algo que parecia ser de certa maneira, quando se gerindo a harmonia e os contrastes entre todos os elementos.” (Patrícia Saramago) A apresentar em DCP.

► Quarta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

OÙ GÎT VOTRE SOURIRE ENFOUÎ?

Onde Jaz o Teu Sorriso?
de Pedro Costa
com Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

Portugal, França, 2001 – 104 min / legendado em português | M/6

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM PEDRO COSTA,
A CONFIRMAR

No momento da montagem da terceira versão de SICILIA! por Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, Pedro Costa rodou uma “comédia da remontagem”. Por detrás da sua paciência “au travail”, terna e violenta, os dois cineastas desvelam uma certa ideia do cinema, do seu cinema, do seu casal e do casal “tout court”. Foi o filme de Costa em que o trabalho de Patrícia Saramago na montagem foi mais decisivo. “Aprendi imenso, com Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, ao vê-los a observar os gestos dos actores, ‘o brilho nos olhos’, a mão que bate na mesa em tal palavra dita, começar o plano exatamente onde começa o primeiro som da fala, ações essenciais à gestão de forças dentro da montagem do filme, de qualquer filme, que acabam por definir o ritmo, a aceleração ou pausa, e nesses contrastes enriquecer a forma do filme.” (Patrícia Saramago) A apresentar em DCP.



OÙ GÎT VOTRE SOURIRE ENFOUÎ?



FRÁGIL COMO O MUNDO

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DIRECTOR'S CUT

O Director's Cut, secção dedicada à história do cinema, passou a dedicar-se exclusivamente ao cinema de património em 2025, apresentando uma seleção de filmes em novas cópias digitais recentemente restauradas. Aqui pretende-se revisitar a história do cinema, recuperando filmes esquecidos, destacando pérolas obscuras e propondo novos títulos para o cânone do "grande cinema". Este ano, os cinco filmes apresentam uma mostra bastante eclética: entre curiosidades e obras-primas, entre a sátira política e o cinema de terror erótico, entre o documentário militante e o *biopic* feminista, passando pelo policial noir japonês.

► Sexta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VRAZDA ING. CERTA

"A Morte do Engenheiro Diabo"

de Ester Krumbachová

com Jirina Bohdalová, Vladimír Mensík

Chéquia, 1970 – 72 min / legendado em inglês e português | M/12

E se, do antigo bloco soviético, surgisse uma paródia mordaz às "comédias românticas" na forma de uma perversa relação onde o poder, o sexo e a comida se digladiam? Até onde pode ir a boçalidade e a condescendência? Eis-nos diante de VRAZDA ING. CERTA, deliciosa peça de câmara para dois atores e um cenário. Este é o único filme realizado por Ester Krumbachová, figura maior do Novo Cinema Checo e fiel colaboradora de Vera Chytilová (foi coargumentista de SEDMI KRASKY / *Jovens E Atrevidas*). Krumbachová marcou uma geração de cinema checo pelo seu extraordinário trabalho como diretora de arte e figurinista, e isso é muito evidente neste filme, onde o trabalho da cenografia é de uma proeza absoluta. A censura soviética coartou a circulação deste inusitado filme, mas agora é possível descobri-lo numa nova e deslumbrante cópia digital 4K. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

MAMMA

de Suzanne Osten

com Malin Ek, Etienne Glaser, Heinz Hoening, Moa Stridbeck

Suécia, 1982 – 92 min / legendado em português e inglês | M/12

MAMMA é o primeiro filme da realizadora sueca Suzanne Osten (falecida em 2024), dedicado à sua mãe, Gerd Osten, a mais importante crítica de cinema da Suécia da sua geração. Mas antes da sua afirmação nas revistas e jornais, Osten tentou tornar-se realizadora no final dos anos 1930. MAMMA é uma ficção biográfica sobre esses primeiros anos em que Gerd lutou contra uma indústria de cinema patriarcal – e contra o regime imposto pela ocupação nazi da Suécia. Trata-se, em certa medida, de uma reparação histórica, já que a filha acabou por fazer o filme que a mãe não conseguiu: uma história de aventuras com uma protagonista forte que quebra todos os estereótipos sobre o papel da mulher na sociedade. Inclui um retrato alegórico de Ingmar Bergman, já que Gerd foi anotadora do seu terceiro filme, UM BARCO PARA A ÍNDIA. Um filme cinéfilo sobre a condição da mulher. Primeira apresentação fora da Suécia do novo restauro digital do filme produzido pelo Svenska Filminstitutet.

ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO – RETROSPETIVA MOCKUMENTARY

O reino do "Mockumentary" (junção da palavra "mock" a "documentary", portanto, de maneira literal, "documentário falso ou parodiado") é o dos nossos dias, isto é, do logro, da imitação, da simulação e da pilhagem. Da reportagem televisiva, do *reality show*, do ChatGPT, das *fake news*, dos *fake presidents*, das *fake wars* e de uma *fake humanity*. Imprime-se, assim, a lenda, ou melhor, propagandeia-se o "f de falso" assumido, transformado, ao jeito de paródia, em verdade 24 vezes por segundo, mediante um conjunto de filmes que atravessa geografias e confunde gestos de realização ou desrealização do mundo. Abrem-se as hostilidades deste Ciclo, elaborado com o IndieLisboa, e prolongado no mês de maio (programa a anunciar no próximo jornal), com REAL LIFE, um dos mais engenhosos e premonitórios filmes sobre o fenómeno dos *reality shows*, da autoria de Albert Brooks (na sua estreia como realizador), e, num tom muito mais sério (perto de apocalíptico), com PUNISHMENT PARK, do recém desaparecido Peter Watkins. Trata-se este último de um olhar inclemente sobre uma América tomada por um regime persecutório e ditatorial que aprisiona quem "pensa diferente" num campo de detenção semelhante a vários que entretanto fazem as manchetes das notícias vindas hoje da América real (real, o que é isso?). Com a mentira, diz-se uma verdade. Com a verdade, diz-se uma mentira. As duas podem divertir muito. As duas podem magoar ainda mais.

► Sexta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

REAL LIFE

de Albert Brooks

com Albert Brooks, Charles Grodin, Harry Shearer

Estados Unidos, 1979 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nos minutos iniciais do filme, a personagem homónima de Albert Brooks anuncia o seu projeto: "Queremos o maior espetáculo de todos: a vida!" O mote está dado para REAL LIFE, primeira longa-metragem de Albert Brooks que parodia e antecipa o fenómeno popular dos *reality shows*. Brooks tinha visto *An American Family* (1973), geralmente considerado o primeiro programa de televisão daquele tipo, e lera um texto de Margaret Mead em que a antropóloga referia que a série podia ser "tão importante para a nossa época como foram a invenção do teatro e do romance para as gerações anteriores: uma nova forma de ajudar as pessoas a compreenderem-se a si próprias". Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

► Sexta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PUNISHMENT PARK

de Peter Watkins

com Mark Keats, Kent Foreman, Carmen Argenziano

Estados Unidos, 1971 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Um dos mais extremos exercícios de ficção política cavada na realidade que Peter Watkins alguma vez dirigiu, PUNISHMENT PARK

parte da enorme tensão que as lutas sociais nos Estados Unidos – do movimento pelos direitos cívicos à contestação à guerra do Vietname – geraram dentro da sociedade americana, conduzindo a uma intensificação das formas de repressão. Watkins imagina os "campos de castigo", alternativa às prisões já demasiado cheias, para onde os "ativistas" e outros contestatários são levados e submetidos a uma duríssima provação – se lhe sobrevivessem, poderiam ser deixados em liberdade. Com atores amadores recrutados entre verdadeiros ativistas e verdadeiros membros das forças policiais ou militares, Watkins trabalhou a rodagem quase como um pequeno *reality show*, em condições muito duras para todos os participantes, construindo com isso uma outra camada de realismo "comportamental", e adensando a polarização de um país dividido em duas metades que mutuamente se detestam. Invisível durante muitos anos, a redescoberta relativamente recente de PUNISHMENT PARK deixou muita gente convencida de que se trata da obra-prima de Watkins.

O QUE QUERO VER

De entre as várias propostas recebidas, selecionámos 5 CARD STUD para a rubrica em abril de "O Que Quero Ver", em primeira exibição na Cinemateca. Como habitualmente, a disponibilidade e acessibilidade de cópias e a variedade dos títulos são fatores que concorrem para a seleção dos filmes programados nesta rubrica.

► Segunda-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

5 CARD STUD

O Preço de 5 Jogadores

de Henry Hathaway

com Dean Martin, Robert Mitchum, Inger Stevens, Roddy McDowall

Estados Unidos, 1968 – 103 min / legendado em português | M/12

Mistura de western e filme de suspense, com elementos de "whodunnit" (há quem refira tratar-se de mais um exemplo de como o clássico de Agatha Christie, *Ten Little Indians*, influenciou filmes de todos os géneros), 5 CARD STUD reúne novamente Henry Hathaway, Hal Wallis e Dean Martin após o êxito de OS QUATRO FILHOS DE KATIE ELDER, em 1965. Durante um jogo de póquer, um dos jogadores é apanhado a fazer batota, acabando por ser linchado pelo grupo. O mistério instala-se quando os participantes desse jogo de póquer começam a ser assassinados um a um. A exhibir em cópia 35mm.

ANTE-ESTREIAS

Apresentamos este mês o mais recente filme de Ivo Ferreira, PROJECTO GLOBAL, uma produção de O Som e a Fúria que teve a sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Roterdão deste ano.

► Sexta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PROJECTO GLOBAL

de Ivo Ferreira

com Jani Zhao, Rodrigo Tomás, José Pimentão

Portugal, Luxemburgo, 2026 – 141 min | M/14

COM A PRESENÇA DE IVO FERREIRA

Em meados dos anos 80, num país a lidar com as promessas e frustrações de Abril, um grupo de jovens militantes – Rosa, Queiroz e Jaime –, convencidos de que as conquistas da revolução estão em risco, envolvem-se no centro da atividade armada das Forças Populares 25 de Abril (FP-25). À medida que a clandestinidade se aprofunda, as convicções revolucionárias confrontam-se com a realidade de um país em rápida transformação. Assumindo a forma de um thriller político, PROJECTO GLOBAL promove uma reflexão sobre as zonas cinzentas da violência política.

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

O REGRESSO DO COMETA HALLEY – HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJEIONISTAS

A vários tempos, e outros tantos ou mais movimentos, a exposição que propomos parte das coleções da Cinemateca para mostrar o dispositivo de projeção que, a par da síntese do movimento e da fotografia (não esquecendo o espaço comunitário e coletivo da sala ou do lugar) compõem o espetáculo cinematográfico. Entre tempos, histórias também de projecionistas e do saber-fazer deste ofício. *Passagens, intervalos, regressos* – lançamentos de luz e de sombras

Até junho de 2026: Núcleos nas Salas 6x2, Cupidos e Carvalhos, de segunda a sexta-feira, das 14h00 às 19h30; núcleos no Espaço 39 Degraus, de segunda a sábado, das 12h00 às 01h00.

01 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
I SOLITI IGNOTI
de Mario Monicelli

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
LA RAGAZZA CON LA VALIGIA
de Valerio Zurlini

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **O QUE QUERO VER**
5 CARD STUD
de Henry Hathaway

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
OTTO E MEZZO
de Federico Fellini

02 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
IL GIORNO DELLA CIVETTA
de Damiano Damiani

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
IL GATTOPARDO
de Luchino Visconti

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
THE PINK PANTHER
de Blake Edwards

21H45 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES**
LA RICOTTA – DIRECTOR'S CUT
SOPRALLUOGHI IN PALESTINA PER IL VANGELO
SECONDO MATTEO
de Pier Paolo Pasolini

06 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
THE PINK PANTHER
de Blake Edwards

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES
de Manoel de Oliveira

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
IL GIORNO DELLA CIVETTA
de Damiano Damiani

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES**
MEDEA (versão com a voz de Maria Callas)
de Pier Paolo Pasolini

07 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
LA RAGAZZA DI BUBE
de Luigi Comencini

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
F FOR FAKE
de Orson Welles

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
I SOLITI IGNOTI
de Mario Monicelli

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES**
APPUNTI PER UN ROMANZO SULL'IMMONDEZZA
de Pier Paolo Pasolini

08 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
GLI INDIFFERENTI
de Francesco Maselli

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
CEUX DE CHEZ NOUS
de Sacha Guitry
ITALIANAMERICAN
de Martin Scorsese

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
LIBERA, AMORE MIO...
de Mauro Bolognini

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
VAGHE STELLE DELL'ORSA...
de Luchino Visconti

09 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
THE PROFESSIONALS
de Richard Brooks

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION
BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT)
de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville
JLG/JLG
de Jean-Luc Godard

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A CASA**
QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE
de Jean-Claude Brisseau

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PIER PAOLO PASOLINI – RARIDADES**
LA RABBIA DI PASOLINI
de Pier Paolo Pasolini, Giuseppe Bertolucci

10 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
LA RAGAZZA CON LA VALIGIA
de Valerio Zurlini

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
TRYING TO KISS THE MOON
de Stephen Dwoskin

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
ENRICO IV
de Marco Bellocchio

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **ANTE-ESTREIAS**
PROJECTO GLOBAL
de Ivo Ferreira

11 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **SÁBADOS EM FAMÍLIA**
CINEMATECA JÚNIOR

JOJO RABBIT
de Taika Waititi

15H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A CASA**
LOST, LOST, LOST
de Jonas Mekas

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **VIAGEM AO FIM DO MUDO**
DIE FREUDLOSE GASSE
de G. W. Pabst

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **CLAUDIA CARDINALE!**
CORLEONE
de Pasquale Squitieri

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
NO HOME MOVIE
de Chantal Akerman

13 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
LIBERA, AMORE MIO...
de Mauro Bolognini

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | **HISTÓRIAS DO CINEMA:**
CHRISTA BLÜMLINGER / HARUN FAROCKI
PROGRAMA 1 – INSTRUÇÕES EM ECONOMIA POLÍTICA

ZWISCHEN ZWEI KRIEGEN
de Harun Farocki

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
GLI INDIFFERENTI
de Francesco Maselli

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
CEUX DE CHEZ NOUS
de Sacha Guitry
ITALIANAMERICAN
de Martin Scorsese

14 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
ENRICO IV
de Marco Bellocchio

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | **HISTÓRIAS DO CINEMA:**
CHRISTA BLÜMLINGER / HARUN FAROCKI
PROGRAMA 2 – A ARTE DA OBSERVAÇÃO

JEDER EIN BERLINER KINDL
ZUR ANSICHT: PETER WEISS
DER GESCHMACK DES LEBENS
de Harun Farocki

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
ANA
de António Reis, Margarida Cordeiro

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
THE PROFESSIONALS
de Richard Brooks

15 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
VAGHE STELLE DELL'ORSA...
de Luchino Visconti

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | **HISTÓRIAS DO CINEMA:**
CHRISTA BLÜMLINGER / HARUN FAROCKI
PROGRAMA 3 – UMA FORMA QUE PENSA

EINSCHLAFGESCHICHTEN: BRÜCKEN
BILDER DER WELT UND INSCHRIFT DES KRIEGES
de Harun Farocki

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
O GEBO E A SOMBRA
de Manoel de Oliveira

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
QUE LE DIABLE NOUS EMPORTE
de Jean-Claude Brisseau

16 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
FITZCARRALDO
de Werner Herzog

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | **HISTÓRIAS DO CINEMA:**
CHRISTA BLÜMLINGER / HARUN FAROCKI
PROGRAMA 4 – ANÁLISE DE ENQUADRAMENTOS

LEBEN-BRD
de Harun Farocki

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **VIAGEM AO FIM DO MUDO**
SCHATTEN
de Arthur Robison

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
MARX PUÒ ASPETTARE
de Marco Bellocchio

17 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
OTTO E MEZZO
de Federico Fellini

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | **HISTÓRIAS DO CINEMA:**
CHRISTA BLÜMLINGER / HARUN FAROCKI
PROGRAMA 5 – UM LABORATÓRIO DE EXPRESSÕES ICÔNICAS

ARBEITER VERLASSEN DIE FABRIK
DER AUSDRUCK DER HÄNDE
IN-FORMATION
de Harun Farocki

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **CLAUDIA CARDINALE!**
L'UDIENZA
de Marco Ferreri

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A**
EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS
NA GRÉCIA E EM ESPANHA

PROSOPO ME PROSOPO
“Face a face”
de Roviros Manthoulis

18 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **SÁBADOS EM FAMÍLIA / INDIEJÚNIOR**
CAPYBARAS
de Alfredo Soderguit
A CADA DIA QUE PASSA
de Emanuel Nevado
BOBEL'S KITCHEN
de Fiona Rolland
A MENINA COM OS OLHOS OCUPADOS
de André Carrilho
LE TUNNEL DE LA NUIT
de Annechien Strouven

16H00 | SALA LUÍS DE PINA | **A CASA**
NO HOME MOVIE
de Chantal Akerman

17H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A**
EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS
NA GRÉCIA E EM ESPANHA

O THIASOS
“A Viagem dos Comediantes”
de Theo Angelopoulos

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A CASA**
TRYING TO KISS THE MOON
de Stephen Dwoskin

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A**
EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS
NA GRÉCIA E EM ESPANHA

CRÍA CUERVOS
de Carlos Saura

20 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A**
EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS
NA GRÉCIA E EM ESPANHA

PROSOPO ME PROSOPO
“Face a face”
de Roviros Manthoulis

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE**
– A PROPÓSITO DE 'TORRE BELA'

TORRE BELA (versão final)
de Thomas Harlan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

LOS SANTOS INOCENTES
de Mario Camus

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

TIGRES DE PAPEL
de Fernando Colomo

21 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

CRÍA CUERVOS
de Carlos Saura

17H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

CONVERSA SOBRE THOMAS HARLAN
com Stefan Drössler e Chester Harlan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

WUNDKANAL
de Thomas Harlan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

EVDOKIA
de Alexis Damianos

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

CINÉMATON N° 598: THOMAS HARLAN
de Gérard Courant
UNSER NAZI
de Robert Kramer

22 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

THOMAS HARLAN – WANDERSPLITTER
DER FILM ‘TORRE BELA’
filmes de Christoph Hübner

17H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

CONVERSA SOBRE A MONTAGEM DE ‘TORRE BELA’
com Roberto Perpignani e José Manuel Costa

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

HAPPY DAY
de Pantelis Voulgaris

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

CANCIONES PARA DESPUÉS DE UNA GUERRA
de Basilio Martín Patino

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

TORRE BELA (versão de 1978 para distribuição nos EUA)
de Thomas Harlan

23 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

TORRE BELA - TRAILER
de Thomas Harlan
VIRIDIANA
de Luis Buñuel

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

ENTREVISTA A THOMAS HARLAN
de Sérgio Tréfaut
LINHA VERMELHA
de José Filipe Costa

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

TIGRES DE PAPEL
de Fernando Colomo

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

MAVRO + ASPRO
“Preto + Branco”
de Thanassis Rentzis, Nikos Zervos

24 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

EVDOKIA
de Alexis Damianos

17H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

CONVERSA SOBRE A PRODUÇÃO DE ‘TORRE BELA’
com José Filipe Costa e Manuel Mozos

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

EL CRIMEN DE CUENCA
de Pilar Miró

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE ‘TORRE BELA’**

OCUPAÇÃO DA QUINTA DA TORRE BELA
de RTP
COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA
de Cinequanon (Luís Galvão Teles)
TORRE BELA (UMA COOPERATIVA POPULAR)
de Vítor Silva

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

CANCIONES PARA DESPUÉS DE UNA GUERRA
de Basilio Martín Patino

27 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

LOS SANTOS INOCENTES
de Mario Camus

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”**

CHUVA
de Luís Fonseca
INFERNO (VALE DE JUDEUS)
de Patrícia Saramago
A ÚLTIMA GRAVAÇÃO
de Patrícia Saramago

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

I PROTI EIKONA
“A Primeira Imagem”
de Olia Verriopoulou
MIA ZOI SE THYMAMAI NA FEVGEIS
“Lembro-me de te ires embora o tempo todo”
de Frieda Liappa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT)
de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville
JLG/JLG
de Jean-Luc Godard

28 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

MAVRO + ASPRO
“Preto + Branco”
de Thanassis Rentzis, Nikos Zervos

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”**

FRÁGIL COMO O MUNDO
de Rita Azevedo Gomes

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

HAPPY DAY
de Pantelis Voulgaris

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CASA**
MARX PUÒ ASPETTARE
de Marco Bellocchio

29 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

EL CRIMEN DE CUENCA
de Pilar Miró

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”**

OÙ GÎT VOTRE SOURIRE ENFOUÎ?
de Pedro Costa

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA**

I PROTI EIKONA
“A Primeira Imagem”
de Olia Verriopoulou
MIA ZOI SE THYMAMAI NA FEVGEIS
“Lembro-me de te Ires Embora o Tempo Todo”
de Frieda Liappa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **VIAGEM AO FIM DO MUDO**
L'INHUMAINE
de Marcel L'Herbier

30 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DIRECTOR'S CUT**

VRAZDA ING. CERTA
“A Morte do Engenheiro Diabo”
de Ester Krumbachová

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CINEMATECA COM O INDIELISBOA ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO – RETROSPECTIVA MOCKUMENTARY**

REAL LIFE
de Albert Brooks

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | **A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DIRECTOR'S CUT**

MAMMA
de Suzanne Osten

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | **A CINEMATECA COM O INDIELISBOA ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO – RETROSPECTIVA MOCKUMENTARY**

PUNISHMENT PARK
de Peter Watkins



Todos os filmes são projetados na sua versão original com legendas em português, salvo indicação no Programa.

All films are screened in their original language with Portuguese subtitles, unless noted otherwise in the Programme.

Tous les films sont projetés dans leur langue originale avec des sous-titres portugais, sauf indication dans le Programme.

Todas las películas se proyectan en su idioma original con subtítulos en portugués, a menos que se indique en el Programa.

Programa sujeito a alterações Preço dos bilhetes - 3,20 € Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 € Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 € Bilhete gratuito para acompanhante de pessoas com deficiência Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262 Salas de cinema Abertura de portas das salas: 15 minutos antes do início da sessão. Recomendamos a chegada com cerca de 15 minutos de antecedência. Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC	Biblioteca Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30 Espaço 39 Degraus Livraria LINHA DE SOMBRA Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021) Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h00 - 01h00 Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745 Disponível estacionamento para bicicletas Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39) Segunda a Sexta-feira, 14h30 - 22h Sábados 14h-21h30 Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt	Modos de pagamento disponíveis: Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**) (*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€ A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra. Mais informações: https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais Pontos de venda aderentes (consultar lista em https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda)
--	---	---